**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**

**SER É SER PERCEBIDO: UMA RADIOGRAFIA DA
IMAGEM CORPORAL DAS ATLETAS DE HANDEBOL
DE ALTO NÍVEL NO BRASIL**

Jorge Dorfman Knijnik

**SÃO PAULO
2001**

SER É SER PERCEBIDO: UMA RADIOGRAFIA DA IMAGEM CORPORAL DAS ATLETAS DE HANDEBOL DE ALTO NÍVEL NO BRASIL

JORGE DORFMAN KNIJNIK

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO CARLOS SIMÕES

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais, Carlos e Olga Knijnik, fontes inesgotáveis de carinho e sabedoria;

A Selma, esposa e companheira, fonte de mim;

Ao Prof. Dr. Antônio Carlos Simões, orientador e amigo, que me abriu as portas - do pensamento;

A Profª Dra. Luiza Klein Alonso, por me instigar a ousar, e por ampliar os horizontes de formas quase inatingíveis – tentarei chegar perto!

A Profª Dra. Silene S. Okuma, pela atenção dedicada a este trabalho;

A minha irmã Solange, pela amizade fraterna;

A Clarice e a Angela, por suportarem este tio ausente, com um sorriso no coração;

A minha querida sogra Marion, quem não poderia ser melhor;

Ao meu cunhado Gil, que não regulou o lap-top;

A tia Ruth, pelas traduções;

Ao Cleiton Barbosa, por ser meu amigo, sempre;

Ao Xandão, por não ver problema no 1º problema;

Ao Maguileo e família, compadres de toda hora;

Ao Osvaldinho e Grauçá, pelas dicas oportunas;

Ao Carnaval de Olinda;

Ao Marcos Merida, a Ritinha Verenguer e ao Ronê Paiano, pelo apoio profissional, que não se esgota ao final do expediente;

A Valeria Thiers, pela ajuda na estatística;

Ao Prouvot, pelo acolhimento;

Aos colegas técnicos e técnicas do Brasil, em especial aos amigos Robson, Marisa, Grum, Carlinhos, Ivonete, Guerra e Rita, por tão bem me receberem em seus clubes e equipes;

As atletas de handebol do Brasil, que deram corpo - literalmente e de fato - a esta pesquisa;

A Xu, Lu F, Luzinha, Daniela, Lu, Lilis, Lili, My, Dani, Sam, Tata, Mari, Carla, Ju, Katia – que me seduziram a iniciar este trabalho – quanto tempo!

Aos companheiros do GEPPSE, pelo coleguismo acadêmico;

Ao Prof. Wagner Madeira, pela leitura e correção dos originais

Ao Pedrinho e ao Cícero, pela força no LAPSE;

A EEFE-USP, seus funcionários e professores, sobretudo a Célia e Lourdes, da secretaria do Pós, e à Lúcia, da biblioteca, sempre tão pacientes e prestativas – sem jamais perder a ternura;

A CAPES, que financiou parcialmente este projeto;

Ao MACKPESQUISA, que possibilitou a apresentação dos resultados desta pesquisa no X Congresso Mundial de Psicologia do Esporte;

Ao frevo. Ao samba. Ao maracatu.

DEDICATÓRIA

Para Tia Sarinha e para Vó Ester, que brilham com força no meu quintal - quantas saudades!

Para Selma, um ar, um olhar, meu suave mistério amoroso!

Aos meus queridos pais, que sempre me dedicaram tudo, quanta alegria viver e compartilhar a vida com vocês!

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	05
LISTA DE FIGURAS	06
LISTA DE ANEXOS	07
RESUMO	08
ABSTRACT	10
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Esporte, mulher e corpo	13
2 OBJETIVOS	20
2.1 Objetivo geral	21
2.2 Objetivos específicos	21
3 REVISÃO DE LITERATURA	21
3.1 Conhecendo o legado: breve apanhado histórico da evolução do esporte feminino nos Estados Unidos e no Brasil.	22
3.1.1 A história da mulher no esporte americano: construindo uma nova abordagem	24
3.1.1.2 Exercícios e passatempos esportivos para mulheres européias no final do século XVII e início do século XVIII	25
3.1.1.3 O final do século XVII e início do século XVIII na América do Norte..	26
3.1.1.4 Esporte e exercício físico para mulheres americanas no século XIX.	28
3.1.1.5 Bases e raízes do esporte feminino no século XX	31
3.1.1.5.1 Emendas educacionais de 1972 - TITLE IX	33
3.2 A evolução da educação física e do esporte para mulheres no Brasil: bases ideológicas.	34
3.2.1 Pequena cronologia da educação física e da prática esportiva para mulheres no Brasil	37
3.3 Corpo	41

3.3.1	A dicotomia sujeito/objeto instalada no corpo	43
3.3.2	Do corpo/objeto ao corpo - sujeito	45
3.4	Imagem corporal	48
3.4.1	Corpo vidente - visível	51
3.4.2	Ser é ser percebido - “esse est percipi”	53
3.4.3	A imagem corporal da atleta de rendimento	55
3.4.3.1	A imagem corporal das atletas de handebol	59
3.4.3.1.1	A especificidade da atividade	59
3.4.3.1.2	O corpo da atleta de handebol	61
4	METODOLOGIA	62
4.1	Hipóteses	63
4.2	Delimitação do estudo	63
4.3	Coleta de dados	63
4.4	Instrumento	63
4.5	Procedimento	65
4.6	Amostra	66
4.6.1	Caracterização geral da amostra	66
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	76
5.1	Resultados gerais	76
5.2	Resultados obtidos nas dimensões da imagem corporal avaliadas pelo inventário	87
5.2.1	A 1ª dimensão: o autoconceito – preocupações e visões sobre o próprio corpo e suas partes	89
5.2.2	A 2ª dimensão: o self público – o que os outros pensam em relação ao ‘meu’ corpo	95
5.2.3	A 3ª dimensão: o self estético – destaca o gosto das atletas em relação às roupas e vestimentas	98
6	CONCLUSÕES E SUGESTÕES	101
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
	ANEXOS	112

LISTA DE TABELAS

	Página
TABELA 1 - Comparação entre as datas das primeiras competições nacionais do sexo masculino e do feminino	40
TABELA 2 - Diferença do tamanho e peso da bola entre masculino e feminino no handebol de alto rendimento	59
TABELA 3 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as afirmações da dimensão do autoconceito	80
TABELA 4 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as frases envolvidas na dimensão do self público	95
TABELA 5 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as afirmações da dimensão do self estético	98

LISTA DE FIGURAS

	Página
FIGURA 1 - Distribuição da amostra (%) por idade cronológica	66
FIGURA 2 - Distribuição da amostra (%) por estado civil	68
FIGURA 3 - Distribuição da amostra (%) por escolaridade.....	69
FIGURA 4 - Distribuição da amostra (%) por tempo de disputa da modalidade.	70
FIGURA 5 - Distribuição da amostra (%) pelo tempo de permanência na atual equipe	71
FIGURA 6 - Distribuição da amostra (%) por categoria de atuação	72
FIGURA 7 - Distribuição da amostra (%) pelos níveis geográficos já disputados	73
FIGURA 8 - Distribuição da amostra (%) relativa à participação em selecionados nacionais	74
FIGURA 9 - Distribuição da amostra (%) pelo número de categorias em que a atleta participou em seleções brasileiras	75

LISTA DE ANEXOS

	Página
ANEXO I - Inventário “imagem corporal das atletas de handebol de alto nível” - primeira parte	112
ANEXO II - Inventário “imagem corporal das atletas de handebol de alto nível” – segunda parte	114
ANEXO III - Exemplo parcial de planilha para respostas “imagem real” e “imagem ideal”	115
ANEXO IV - Frases relacionadas à 1ª dimensão (autoconceito) do inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível do Brasil.....	117
ANEXO V - Frases relacionadas à 2ª dimensão (self público) do inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível do Brasil.....	119
ANEXO VI - Frases relacionadas à 3ª dimensão (self estético) do inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível do Brasil.....	120

RESUMO

SER É SER PERCEBIDO: UMA RADIOGRAFIA DA IMAGEM CORPORAL DAS ATLETAS DE HANDEBOL DE ALTO NÍVEL NO BRASIL

Autor: JORGE DORFMAN KNIJNIK

Orientador: PROF. DR. ANTONIO CARLOS SIMÕES

Este estudo teve como objetivo pesquisar, no âmbito das equipes femininas de handebol de alto nível do Brasil, a imagem corporal de suas atletas. Apesar da presença da mulher no meio esportivo nunca ter sido tão grande como na atualidade, vários preconceitos ainda incomodam as atletas de alto rendimento, notadamente aqueles vinculados às imagens e formas de seus corpos. Inicialmente, o estudo aborda a história da atividade corporal e esportiva da mulher nos Estados Unidos e no Brasil, a partir do século XVII até os dias de hoje. Em seguida, utilizando-se um referencial teórico fenomenológico, procura-se compreender o corpo de uma perspectiva não - dualista. O instrumento utilizado na pesquisa foi o “inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil”, o qual, a partir de 65 frases, compara a imagem corporal real da atleta com aquela idealizada por esta. Participaram do estudo 156 atletas de handebol de alto nível, com idades entre 14 e 33 anos (média de 20,26 anos). Como resultados, encontraram-se diferenças estatisticamente significantes entre a imagem corporal real e a ideal em 35 ($\cong$ 54%) das proposições do questionário, em diversas dimensões da imagem corporal. Este estudo corrobora pesquisas feitas

internacionalmente, que mostram que as mulheres, para se manter no esporte de alto nível, precisam perpetuar características estereotipadas como femininas, mesmo que estas se choquem com as necessidades corporais de sua modalidade.

Palavras-chave: Imagem Corporal; Corpo; Mulher; Esporte; Handebol

ABSTRACT

BEING IS TO BE PERCEIVED: AN X-RAY OF THE HIGH-LEVEL WOMEN HANDBALL ATHLETES' BODY IMAGE IN BRAZIL

Author: JORGE DORFMAN KNIJNIK

Adviser: PROF. DR. ANTONIO CARLOS SIMÕES

The purpose of this study was to research, within the scope of high-level women handball athletes in Brazil the body image of its athletes. Although the presence of women in the sports world has never before been so significant as it is today, a good deal of discrimination still troubles high-yield women athletes, especially discrimination concerning the image and shape of their bodies. Initially, the study addresses the history of the body and of sports practiced by women in the United States and in Brazil, since the beginning of the 17th century until today. Next, using a phenomenological theoretical reference, one seeks to understand the body from a non-dualist perspective. The tool used in the research was the “inventory for the evaluation of the body image of high-level women athletes in Brazil.” Starting with 65 statements, the study compares the athletes’ real body image with that idealized by them. Hundred and fifty-six high-level athletes, aged between 14 and 33 (average 20.26 years) participated in the study. The results showed statistically significant differences between the real and ideal body images at 35 ($\cong$ 54%) of the choices of the questionnaire, in several dimensions of the body image. This study corroborates previous international researches, which showed that women, to be able to stay in

high-level sports, must keep stereotyped characteristics considered feminine, even if in conflict with the body requirements of her sport modality.

Key words: Body Image; Body; Sport; Woman; Handball

1 INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna marcam o apogeu mundial do esporte de alto rendimento. Finda a Guerra Fria, e com ela a época dos boicotes políticos aos Jogos (Moscou, 1980, Los Angeles, 1984), atualmente grande parte dos países espalhados pelo globo terrestre procuram enviar à competição os seus e as suas melhores atletas, entendidos como aqueles e aquelas que possuem os maiores índices esportivos, e podem atingir as melhores marcas possíveis, e sobretudo, medalhas.

As mulheres atletas encontram hoje em dia nos Jogos Olímpicos um dos principais espaços para a demonstração de suas proezas esportivas, e deles participam ativamente, ainda que em número minoritário : de acordo com WELCH & COSTA (1994) as mulheres nos Jogos de Barcelona (1992) eram apenas 26% do total de competidores, técnicos e dirigentes esportivos.

Mas a conquista deste espaço no cume do esporte mundial não foi de forma alguma um processo fácil para as mulheres. Aliás, a inclusão feminina nas Olimpíadas enfrentou, desde a gestação dos Jogos Olímpicos da era moderna, grande oposição por parte dos primeiros integrantes do Comitê Olímpico Internacional, os quais foram os responsáveis pelo resgate desta forma de disputa da Grécia Antiga e sua reintrodução no mundo contemporâneo.

O primeiro presidente do Comitê Olímpico, Pierre de Fredi, o Barão de Coubertin, nobre francês que foi o grande idealizador da retomada da tradição competitiva da Antiguidade, tinha uma opinião bem definida em relação à participação feminina nos Jogos. WELCH & COSTA (1994, p.123-4) afirmam que o Barão

(...) via os jogos como festivais de esporte para os **homens de todo o mundo**, brancos e jovens de classe alta. A antiga exclusão que os gregos faziam das mulheres em seus festivais era totalmente aceita por Coubertin, o qual via os 'seus' jogos da era moderna como um meio de preparar os jovens rapazes franceses para o serviço militar, assim como

para os papéis de liderança no governo e nos negócios. **Tal postura colocava a participação feminina como irrelevante** [grifo nosso].

Esta postura do Barão de Coubertin perdurou enquanto ele atuou no Comitê Olímpico Internacional (COI). De fato, ele queria que os Jogos trouxessem de volta “(...) tanto quanto possível o formato dos Jogos Gregos da Antiguidade”, os quais, não admitiam mulheres; o Barão tinha ainda a “(...) crença que as mulheres perderiam o seu charme feminino ao se engajarem em atividades extenuantes” (WELCH & COSTA, 1994, p.125).

1.1 Esporte, mulher, corpo

A batalha pela admissão das mulheres nos Jogos Olímpicos da era moderna perdura há mais de 100 anos, desde os primeiros Jogos de Atenas, em 1896, e é parte integrante de todo o empenho feminino pela sua participação no esporte e nos diversos setores da sociedade. Aliás, a participação no esporte foi mais uma das diversas lutas pela emancipação feminina que tiveram início ao final do século XIX e começo do século XX. O movimento feminista das décadas de 1960/70, e principalmente, a constante e crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, fizeram com que elas comessem a se mostrar presentes em todos os campos sociais - e no esporte, competitivo ou não, esta realidade não seria diferente. Pelo contrário, também o esporte e a atividade física e recreativa para mulheres tornaram-se fatores que, muitas vezes, as impulsionaram no sentido de sua liberação.

Na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos, um exemplo ilustra muito bem esta situação: a demanda feminina pelo esporte começou a crescer cada vez mais após a Guerra Civil Americana, e apesar dos enormes preconceitos contra a presença feminina nesta atividade, avalizados inclusive por opiniões médicas as quais, conforme VERTINSKY (1994, p.69) proclamavam, entre outras, a “teoria da incapacidade menstrual”, as mulheres, sobretudo da elite, pois dispunham de tempo livre, passaram a tomar parte cada vez mais ativa no esporte, em modalidades como arco e flecha, golfe e hipismo. Entretanto, uma outra atividade

teve um grande peso para a modificação da relação das mulheres com o esporte e mesmo do seu próprio papel na sociedade:

O esporte que exerceu a maior influência sobre a emancipação física das mulheres, no entanto, foi **o ciclismo** [grifo nosso] - uma atividade proveniente da Inglaterra em 1870 e que se tornou enormemente popular no final dos anos 1880 e início da década seguinte. Para as mulheres, o ciclismo oferecia o potencial de mobilidade física e os benefícios da saúde, recreação ativa assim como um novo senso de liberdade face às vestimentas restritivas e às damas de companhia (VERTINSKY, 1994, p.70).

Em função disso, o ciclismo fortaleceu e criou uma nova mulher, diferente daquela de gerações anteriores: uma mulher com possibilidades de movimentar-se, de ir e vir, que podia, e até necessitava, vestir-se de modo diferente, e ser diferente, das suas avós. E mesmo esta atividade sofreu fortes ataques da classe médica quase que totalmente masculina:

Tais ataques envolvendo o ciclismo na etiologia de doenças femininas ilustravam a contínua preocupação de influentes médicos homens sobre os efeitos do exercício físico nas mulheres de classes média e alta. É difícil de evitar as suspeitas que muitos deles estavam de fato preocupados com a **liberdade, inclusive física, e com as novas ambições femininas que a bicicleta e o ciclismo pareciam representar** [grifo nosso] (VERTINSKY, 1994, p.70).

O ciclismo no século XIX, nos Estados Unidos - país berço de muitas das modalidades esportivas inclusive olímpicas - teve papel preponderante no avanço da mulher na sociedade. Como se vê, a caminhada paulatina e recheada de contratempos da mulher rumo a sua emancipação social, política e econômica influenciou e também sofreu influências da atividade física e esportiva.

Nesta jornada, as mulheres foram se impondo gradativamente nos esportes individuais e coletivos, até chegar à situação atual, em que a presença da mulher no meio esportivo nunca foi tão grande. Se esta já acontecia na figura da atleta, mesmo que timidamente, atualmente a mulher aparece também como treinadora, dirigente, árbitra, repórter, apresentadora de programas esportivos, empresária de atletas... Enfim, as mulheres ocupam cada vez mais espaços na área esportiva, inclusive em modalidades consideradas até há pouco tempo exclusivamente “masculinas”. Dado significativo são os números dos Jogos Olímpicos em Atlanta (1996): cem anos depois de Pierre de Coubertin e de sua luta misógina contra a mulher no esporte (conforme SIMÕES, 1995, o Barão chegou a declarar que “uma Olimpíada feminina é impensável, inestética e impraticável”), na Olimpíada de 1996, aproximadamente 3750 mulheres participaram da competição - de um total aproximado de 10300 atletas.

No Brasil, é visível o crescimento do número de mulheres participantes de competições importantes como a corrida de São Silvestre, e o aumento da quantidade de equipes femininas de futebol, terreno antes exclusivamente masculino, levando a mulher atleta para todos os lugares e lares aonde a TV reproduz os seus lances.

Contudo, apesar das inúmeras barreiras ultrapassadas, vários estereótipos parecem ainda incomodar as atletas de alto rendimento. Chavões de beleza e sexualidade são comumente utilizados para designar atletas de diferentes modalidades. Assim, devemos nos perguntar se, para as mulheres, o seu engajamento esportivo estaria absolutamente tranquilo ou, ao contrário, os preconceitos continuam as atingindo e dificultando a sua prática. E outras questões ainda podem ser levantadas: a mulher estaria plenamente consciente e satisfeita do seu papel no esporte e tudo aquilo que ele representa? Qual a expectativa dessas mulheres? Até que ponto velhas idéias e práticas comuns ao cotidiano do trabalho ainda perturbam as mulheres neste ambiente? De que maneira os estereótipos sexuais influenciam na escolha de uma modalidade, a despeito de interesses e habilidades específicas?

Conforme BERLIN (1998),

(...) a partir do século XIX e em todo o século XX a saída da mulher para o trabalho foi massiva. (...)Por outro lado, o repertório dos mitos, das histórias de amor presentes na literatura ou no cinema, variaram de forma muito mais lenta que as mudanças sociais concomitantes. Em muitas famílias, mesmo que as filhas comprovem que as mulheres trabalham como papai, no entanto elas sonham encontrar um príncipe azul que as sustente e as proteja. . Novas versões da Cinderela e da Bela Adormecida emergem detrás das heroínas modernas (...) (p32)

Um dos mitos que continuam inequivocamente presentes nos dias atuais, e que jogam um papel absolutamente central no contexto do esporte feminino, é aquele do ‘belo sexo’:

A idolatria do ‘belo sexo’ é uma invenção da Renascença: de fato, é preciso esperar os séculos XV e XVI para que a mulher seja alçada ao pináculo como personificação suprema da beleza. Pela primeira vez na história, realiza-se a conjunção das duas lógicas que instituem o reino cultural do ‘belo sexo’: reconhecimento explícito e ‘teorizado’ da superioridade estética do feminino e glorificação hiperbólica dos seus atributos físicos e espirituais. (LIPOVETSKY, 2000, p.113).

Assim, a partir da Renascença, criou-se a mistificação, que ainda perdura em nosso pensamento ocidental, da beleza feminina superior. LIPOVETSKY (2000, p.117) enfatiza isto, ao reconhecer que “nenhuma outra época no passado tanto representou, comentou, alçou ao pináculo a beleza feminina, nenhuma outra lhe conferiu tal importância”.

E este conceito do ‘belo sexo’ joga um enorme papel no esporte feminino. Vozes correntes neste processo ainda ressaltam o quanto as mulheres são aí reconhecidas muito mais pelos seus atributos físicos que atléticos. GRIFFIN, em recente artigo na edição da **JOPERD** comemorativa dos 100 anos da NAGWS¹, brada que “as mulheres no esporte merecem ser avaliadas na base de sua

¹ NAGWS - National Association for Girls and Women in Sports (EUA)

competência e caráter, não através da sua identidade sexual, ou expressão de gênero.” (GRIFFIN, 1999, p.55). Esta expressão de gênero que a autora comenta nada mais é do que os atributos estéticos femininos, sobrevalorizados ainda hoje no esporte de alto rendimento, muitas vezes em detrimento do próprio rendimento que este esporte pretende priorizar. KOLNES (1995, p.71) destaca que

enquanto os homens atletas são descritos nos termos de suas façanhas, competitividade, sua força física e psicológica, da sua bravura por jogarem mesmo estando seriamente machucados, as **mulheres atletas são descritas nos termos de sua aparência física, sua feminilidade, seu comportamento não-competitivo e de seus relacionamentos** [grifo nosso].

Num quadro de tal dramaticidade, em que a mulher ainda reclama por ser forçada, no mundo do esporte de rendimento, a submeter-se a padrões estéticos e de feminilidade absolutamente alheios à prática que resolveu adotar para si, - atividade que demanda enormes esforços -, **o corpo tem um papel preponderante**. Essencial enquanto veículo do ser (atleta) no mundo, o corpo também é estampa viva dos estereótipos de beleza e feiúra, e das relações de gênero, sobre as quais HULT (1994, p.83) comentou que “distintamente do sexo, (as relações de gênero) denotam construções culturais, ou o elemento das relações sociais baseada nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero, sendo o primeiro passo para as relações de poder”.

COCA (1993) postulou que o ser humano esportivo é essencialmente um ser baseado no movimento corporal. A origem de todas as ações esportivas está lá, no corpo, entendido não como objeto mas como veículo de ser e estar no mundo.

Assim, o corpo não existe sozinho. O que existe é um “eu - corpóreo - socializado” (COCA, 1993, p.40), com vida e que possui mensagens, histórias para revelar e ser descoberto **pelos outros**.

E o corpo da mulher atleta ainda parece repleto de contradições. Ao mesmo tempo em que abriu e continua abrindo portas para as mulheres ‘entrarem’

na sociedade, o esporte como que engessou as relações de gênero. Segundo KOLNES (1995),

para sobreviver como uma atleta de alto nível, a mulher deve se conformar com os padrões patriarcais de beleza e feminilidade. Neste sentido, as relações básicas entre mulheres, homens e esporte permanecem intocadas e imutáveis. (...) Mais do que desafiar as imagens dominantes do corpo feminino e da mulher, o esporte de alto nível tornou-se um meio pelo qual a sexualização do corpo feminino serve como uma armadilha contra as mulheres, as que estão dentro e fora do esporte (p.73-4).

Torna-se evidente que o corpo da mulher atleta é peça central desta trama. O modo como ele é construído, não de forma biológica nem sob o prisma de treinamento físico, mas sim sob a ótica psicossocial: como as atletas vêem os seus próprios corpos? Como são vistas?

Conforme COCA (1993), à margem de algumas questões metodológicas, é evidente que somos corpo, e que o estudo de nossa cultura (aí incluída a cultura esportiva) pressupõe uma reflexão sobre estes, atléticos e nem tanto, nus ou vestidos, enfim, os corpos concretos, que revelam interpretações subjetivas - e corpóreas - do mundo.

Segundo KNIJNIK & SIMÕES (1998) falar do corpo, resgatá-lo, é referir-se à corporeidade como forma real de inserção do homem no mundo, algo como 'eu sou o meu corpo'. É a negação da quietude, é a ação do gesto corporal na direção de outras realidades humanas, distintas de si.

Ocupando o seu próprio espaço, o corpo expressa-se para alguém, manifestando assim a sua existência. Para falar dele, é necessário mencionar os *contextos sociais* nos quais a realidade corporal apresenta-se; os outros, para quem o corpo dirige-se, e o mundo aonde ele vive, se situa, e de onde provêm as suas experiências. Conforme COCA (1993),

em face de quem oferece o seu gesto corporal vivo, estão espectadores, torcedores, fãs, que recebem e ao mesmo tempo condicionam este gesto, através de suas reações, apupos, aplausos, Sem ter a quem se apresentar, o gesto do homem esportivo seria solitário, vazio. (...) a realidade do meu corpo existe e toma formas em função de como ela é vivida pelos outros (p.49).

GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) sugerem que o ‘mito do belo’ no esporte feminino atual se traduz no “discurso da beleza do corpo feminino”. (“feminine body beauty discourse”), e que este discurso molda as vidas e corpos das atletas - inclusive a sua própria **imagem corporal**. Trata-se de “(...) um discurso pronto para construir um corpo feminino num tamanho específico, com gestos e movimentos restritos, diferentes, e sedutores.” (p.314).

Como para estas autoras a imagem corporal é crucial no desenvolvimento do autoconceito pessoal, e mesmo no processamento de informações inerente à prática esportiva, é necessário pois se encontrar um modelo que permita que a mulher escape para fora deste “discurso da beleza”, e reforce positivamente os seus autoconceitos e imagem corporal, os quais poderão refletir, em última análise, na própria performance da atleta.

Finalmente, GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) propõem que, através do pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty, construa-se uma trilha para a compreensão da imagem corporal das atletas - conceito que elas consideram fundamental na construção da atleta de rendimento contemporânea - trilha esta que seria caracterizada, segundo GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) por:

- não - dualismo corpo/mente, uma vez que o dualismo forçou a construção de um vocabulário corporal e de movimento que apenas relacionava as mulheres as suas funções biológicas;
- experiência corporal pessoal e subjetividade são fontes básicas de realidade;
- negação dos paradigmas científicos que assumem apenas a realidade objetiva, e que não apuram a totalidade das experiências corporais femininas.

Vê-se pois que a questão da imagem corporal é uma das prioridades para o trabalho com mulheres - atletas nos dias que correm.

Conforme KNIJNIK & SIMÕES (1999), o fato de o esporte ser a instituição social mais focada no corpo, e por tudo que as imagens corporais advindas dele podem produzir como ideologia sobre o corpo na sociedade, avaliar a auto-imagem corporal de atletas de alto nível reveste-se de importância fundamental para compreender a relação e a influência da prática esportiva sobre essa auto-imagem, a qual, por sua vez, será decisiva na forma com que as atletas criam seus próprios modelos corporais, repassados ao público diariamente.

Procurar entender como as atletas de alto nível da modalidade de handebol no Brasil percebem a sua imagem corporal é o nosso foco central – portanto, pretende-se discutir o corpo feminino no contexto do esporte de rendimento no país.

2 OBJETIVOS

Como visto acima, o esporte feminino permanece envolto em diversas crenças. Permeadas pelo mito do “belo sexo”, atacadas pelo senso comum (URBA & SWEDLUND, 2000) que levanta problemas como o da “fragilidade feminina” ou da “inabilidade inata” (DOWLING, 2000), as atletas muitas vezes se vêem imersas em contradições profundas entre as aparentes necessidades sociais do seu ser feminino, e a atividade que praticam.

Estudar e refletir sobre o corpo da mulher atleta e suas imagens é a nossa preocupação. Não o corpo metabólico, mas sim o corpo “dourado, suado, da cor do pecado”. O corpo que, conforme MERLEAU-PONTY, (1975a) “é uma unidade de significação”, e assim, pode traduzir o processo de socialização destas atletas, o qual, segundo KURZ (2000), continua a depreciar as mulheres colocando-as em posições secundárias. Por terem sido feitas responsáveis, em princípio, por tudo aquilo que “não tem valor” – a cozinha, os filhos, o amor - as mulheres **e as atividades femininas** - sejam corporais, profissionais ou econômicas - seguem sendo inferiorizadas, sofrendo com o estigma sexual que também perdura nestes

âmbitos. E esta depreciação “não é somente um modelo imposto de fora, **mas também um aspecto psicologicamente introjetado, cuja origem é a socialização feminina**” [grifo nosso]. (KURZ, 2000, p.12).

No sentido de aprofundar a reflexão sobre as atletas de alto rendimento no Brasil, seus corpos e imagens corporais, este estudo traçou os seguintes objetivos:

2.1 Objetivo geral

- Analisar no âmbito das equipes de handebol feminino de alto nível do Brasil, a imagem corporal de suas atletas.

2.2 Objetivos específicos

- Comparar a imagem corporal real das atletas e a imagem corporal por elas idealizada;
- Identificar em qual dimensão constituinte da imagem corporal (autoconceito, *self* público e *self* estético) existe uma maior discrepância entre a imagem corporal real e a ideal das atletas.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Para falarmos do corpo das atletas de alto rendimento, sobre suas imagens construídas dentro deste processo de socialização que *per si* segue desvalorizando o feminino, devemos inicialmente olhar a evolução histórica do esporte feminino. Com uma noção clara do que foi dito e feito em nome, através e a respeito do corpo da mulher praticante de atividade física e de esporte, poderemos conhecê-la mais e melhor, posto que ela **é este corpo**. A seguir, abordaremos através de MERLEAU-PONTY, a essência mesma deste **corpo**, para então discutir a **imagem corporal** e o que ela representa para as **atletas**, especificamente para aquelas que jogam **handebol**.

3.1 Conhecendo o legado: breve apanhado histórico da evolução do esporte feminino nos Estados Unidos e no Brasil

It is hoped that by understanding women's sporting heritage and by becoming alert to the ways in which sport has been and continues to be co-opted for the purpose of male control over female sexuality and the female reproductive function, women will be strengthened in the struggle for autonomy in sport (Helen LENSKYJ, 1986)

Trata-se agora de contextualizar o esporte feminino atual, fazendo um breve apanhado histórico sobre o tema. Como a historiografia não é o foco central deste trabalho, comenta-se aqui algumas das principais passagens históricas, apenas para uma caracterização geral do panorama em que a atividade física e esportiva, isto é, a **atividade corporal das mulheres**, desenvolveu-se historicamente.

Cabe ressaltar que inicialmente foi feito um pequeno relato histórico da evolução do esporte e das atividades físicas para as mulheres nos Estados Unidos. Em seguida, optou-se por uma discussão mais genérica relacionada aos estudos sobre a temática realizados no Brasil.

Esta opção justifica-se de duas formas: na esteira da reconstrução da história sob o ponto de vista feminista, pesquisadores americanos tentaram traçar, a partir da década de 1990, uma nova história da mulher no esporte, a qual contextualizasse a participação feminina no desenvolvimento esportivo, assim como colocasse a mulher no eixo central da discussão. A pesquisa histórica era feita através da ótica masculina, aonde a história dos homens era contada, e as mulheres vistas em categorias e valores que colocavam o homem como unidade-padrão. PARRAT (1994, p.7) afirma que

as feministas acadêmicas argumentaram que os tradicionais métodos de periodização da história, que permanecem em volta de eventos políticos e econômicos, tais como guerras e revoluções, não são apropriados para a história feminina. (...) Como uma alternativa, Kelly sugeriu que a periodização tradicional fosse adaptada para um projeto da história feminina simplesmente pelo reconhecimento que os principais 'turning points' para os homens não seriam necessariamente os mesmos para as mulheres - ou no mínimo pelas mesmas razões. (...) A grande contribuição para este desafio feminista à periodização tradicional da história foi mostrar que a **história da mulher não pode ser forçada, espremida, num modelo baseado nas experiências dos homens** [grifo nosso]. E isto tem uma clara implicação para a história do esporte, onde o modelo masculino tradicional está firmemente enfronhado (PARRAT, 1994, p.7).

Também é interessante o relato da evolução histórica do esporte naquele país pois podemos observar claramente como, apesar dos Estados Unidos ser um dos países que possuem uma das mais vastas tradições no esporte olímpico, seja pelo número de participantes que competem sob sua bandeira, ou mesmo pelo número de medalhas conquistadas, o esporte feminino lá se iniciou de maneira totalmente diferenciada que o seu correspondente masculino. Enquanto este sempre se fez presente através de vigorosas competições, aquele proveio da Educação Física organizada, e de atividades físicas, recreativas e esportivas não competitivas.

Já no Brasil, que historicamente teve uma Educação Física muito vinculada à vida militar - vida esta inacessível às mulheres até pouco tempo atrás -, a mulher também vem lutando arduamente para conquistar espaços no meio esportivo, enfrentando inúmeras dificuldades. Preconceitos e estereótipos de toda a ordem são argüidos e levantados para impedir ou limitar esta participação dentro de uma determinada visão das possibilidades, capacidades e deveres do **corpo feminino**, que irá realizar a prática, a qual precisa ser absolutamente coerente com as noções de fragilidade, maternidade e beleza superior das mulheres.

3.1.1 A história da mulher no esporte americano: construindo uma nova abordagem

Alguns pesquisadores e historiadores do tema talvez propusessem uma outra abordagem, ou talvez um outro título para este trecho. Para PARRAT (1994), “A História do Esporte Feminino nos Estados Unidos” seria mais adequado. A autora considera que

(...) historiadores do esporte feminino não atacaram os conceitos críticos e metodológicos; ao contrário, a tendência deles foi a de acatar as construções e as verdades dos estudos e definições masculinas. A pesquisa baseada em tal estrutura acaba fornecendo somente ‘insights’ limitados na experiência da mulher no esporte e, pior e mais sério, distorce o nosso entendimento do significado destas experiências. Como podem estas limitações ser superadas? (PARRAT, 1994, p.5-6).

Desta forma, a autora coloca a necessidade de se reformular a história da mulher no esporte, através do auxílio da história feminista, com o objetivo de trazê-la para o centro da discussão, e mais ainda, o de examinar e incorporar completamente tanto o homem quanto a mulher, averiguando o papel do esporte na construção dos seus relacionamentos. Ela acredita que “(...) o gênero deve ser usado como uma categoria central da pesquisa histórica” (PARRAT, 1994, p.10), e que esta não deve ser somente descritiva e acrítica, mas sim tentar responder à questão central que permeia e que sobressalta da pesquisa histórica: **“como o esporte está influenciando na construção e na manutenção da relação social entre os gêneros?”** [grifo nosso] (PARRAT, 1994, p.11).

Já STRUNA (1994) constata a completa ausência das mulheres, até o início da década de 1980, do debate histórico sobre os primórdios do esporte americano. Ela coloca que todas as descrições mostram que o quadro do esporte traçado nos séculos XVII e XVIII era o de um território absolutamente masculino, aonde as mulheres inexistiam, não sendo mais do que “boas esposas”, e, no máximo, ornamentos da prática masculina, com a sua assistência. E questiona:

“Como então reconciliar essa conclusão com um fato importante sobre as experiências de gênero no início da América, isto é, que as mulheres estavam onipresentes?” (STRUNA, 1994, p.45).

De fato, o que se observa em todos os relatos e documentos históricos da colonização americana, é uma presença maciça de mulher, ora auxiliando nas empreitadas competitivas e recreativas, ora participando ativamente e mesmo criando jogos e atividades novas e diferentes.

STRUNA (1994) preconiza uma revisão, quiçá uma revolução urgente na historiografia do esporte nos Estados Unidos: “Provavelmente não há forma de reconciliar o tratamento histórico que foi dado aos primórdios do esporte na América, com a ocupação demográfica e a história social do mesmo período. Somente um novo recomeço poderá fazer isso.” (p.46).

Para continuarmos perseguindo a visão sobre a mulher e o **corpo feminino** nos Estados Unidos - visão esta estreitamente ligada ao que era “dado” à mulher esportista praticar, ou ao contrário, ao que lhe era impedido de fazer com o **corpo** - iremos passar os olhos sobre a história do esporte na perspectiva da mulher euro-americana.

3.1.1.2 Exercícios e passatempos esportivos para mulheres européias no final do século XVII e início do século XVIII

Cabe aqui uma breve “vista d’olhos” sobre as atividades das européias desta época, as quais mais tarde iriam povoar a América. Mesmo com a existência de costumes, leis e atitudes que nesta época negavam às mulheres direitos políticos e vantagens econômicas e sociais (só para lembrar, o voto feminino foi conquistado dois séculos depois) semelhantes às dos homens, havia espaço para que as mulheres se engajassem em algumas atividades físicas e esportivas. PARK (1994) nos conta que, no século XVII, as mulheres praticavam cricket, boliche, faziam apostas e mesmo lutavam boxe a dinheiro em festivais comunitários e religiosos! (PARK, 1994, p.30). Havia também esportes náuticos para mulheres, sendo que a cidade de Veneza instituiu uma regata anual para elas a partir do século XVII; as

mulheres disputavam ainda jogos com bola, como o trapball (um precursor do beisebol).

Porém, as provas femininas mais concorridas, requisitadas e disputadas eram as **corridas**. Para alguns historiadores, as corridas femininas eram mais freqüentes e populares que as masculinas. Peter RADFORD², apud PARK (1994) comenta que as corridas de mulher atingiram uma “Idade do Ouro” no século XVIII, com uma periodicidade e mesmo uma significação maior que as provas de homens! PARK (1994) revela ainda que grandes corridas de mulheres às quais se atribuíam prêmios (the smock racing), eram disputadas em países como a Escócia e a Inglaterra:

Quando havia corridas de homens, estes geralmente usavam poucas roupas; as mulheres corredoras eram meticulosamente vestidas. Um anúncio de uma competição de cricket em 1744 prometia como atração uma corrida entre duas mulheres que estariam vestidas com poucas roupas (PARK, 1994, p.33)

Este breve trecho deixa entrever, ainda que vagamente, como a **questão corporal** já estava presente (e não podia ser diferente) na atividade esportiva do período. Mulheres corriam “meticulosamente vestidas” ao passo que os homens competiam *seminus*. Continuemos andando no tempo.

3.1.1.3 O final do século XVII e início do século XVIII na América do Norte

O período do início da colonização dos Estados Unidos foi extremamente árduo e penoso, não deixando muito espaço e tempo para que os costumes, as tradições e a recreação se desenvolvessem muito. Mesmo assim, ocorriam grandes eventos intercomunitários, e as competições masculinas, como o *cross-country*,

² P. Radford; Women's foot-races in the 18th and 19th centuries: a popular and widespread practice. INTERNATIONAL CONGRESS ON THE HISTORY OF SPORT, Berlin, 1993.

tinham sempre a presença feminina como colaboradora, responsável pela alimentação e pelas apostas (STRUNA, 1994).

Ao final do século XVII e início do seguinte, com o avanço da colonização e o aparecimento de novas gerações, houve um ressurgimento e um novo vigor soprou sobre a cultura popular, os jogos e as danças. Nas décadas entre os anos 1670 - 1720, ocorreu uma grande expansão da cultura popular:

Recreação, é claro, era consequência e causa da revitalização da cultura popular; havia performances culturais nas quais as pessoas comuns mostravam e comunicavam comportamentos e valores. E as mulheres estavam ativamente envolvidas na construção da recreação, tanto como produtoras quanto como consumidoras (STRUNA, 1994, p.48).

Além de participarem ativamente nesta construção de jogos e folguedos populares, as mulheres também ganhavam destaque quando se envolviam com negócios. As tavernas da época eram um grande centro social, de diversão e encontro, e seus proprietários, os quais muitas vezes eram mulheres, tinham o poder de fornecer crédito para jogos e espaço e equipamento para competições (STRUNA, 1994).

Ainda segundo a mesma autora, o crescimento demográfico e étnico - com a introdução da escravidão e o aumento da imigração - contribuiu para a diversificação da cultura popular, e consequentemente dos jogos recreativos e competitivos. Grandes feiras de agricultura, promovidas por fazendeiros e comerciantes, eram o cenário ideal para competições: negras afro-americanas corriam a pé, em troca de produtos, e as euro-americanas apreciavam as corridas de cavalo:

O que deve ficar claro é que muitas mulheres também corriam, sobretudo aquelas que cresceram com cavalos e aprenderam a montar desde cedo (...). Talvez nunca estejamos aptos para perceber a extensão total do envolvimento das mulheres do séc XVIII com a corrida de cavalos (STRUNA, 1994, p.52).

Todo este envolvimento das mulheres com uma enorme gama de atividades faz com que cheguemos ao ponto central da discussão sobre as atividades recreativas deste período: os jogos e todo o tipo de recreação e atividades físicas estavam neste momento sendo **criados e recriados**; as pessoas se engajavam significativamente em termos de conquistar espaço nas negociações das novas atividades, como e quando praticá-las. As mulheres da colônia participavam neste processo ao construir os seus jogos recreativos, e isto era uma forma de discurso social. Conforme STRUNA (1994, p.55)

A seu tempo, a recreação era uma prática social nas quais as mulheres coloniais negociavam com outras, ou mesmo com homens, por coisas significativas em termos culturais, como poder, status e ganhos econômicos. Isto, para mulheres do séc XVII e XVIII, que viviam nos limites de uma cultura que definia a mulher como inferior ao homem, mostra que a recreação não era um negócio pequeno.

Apesar desta intensa participação no mundo da cultura popular e ainda dos negócios, a ideologia da época, sobretudo a republicana que pretendia construir um novo país, concebia a mulher da nova nação como uma **mãe guardiã** da moral do interior do lar. Este ideal feminino lançou as bases para que, no século XIX, a mulher fosse vista como moralmente superior, apesar de **fisicamente inferior**, e criou duas esferas absolutamente distintas de realidade: a esfera pública, masculina, e o domínio privado, feminino (STRUNA, 1994).

3.1.1.4 Esporte e exercício físico para mulheres americanas no século XIX

As mulheres americanas do início do século XIX ainda estavam extremamente limitadas em seus movimentos físicos. Seu papel social era secundário e dependente, e suas aspirações máximas eram uma vida de boa mãe e esposa. O único esporte mais aceito para elas era o hipismo, por manter sua graça e

feminilidade intactas. Nas escolas, as garotas tinham poucas chances para uma prática de atividades físicas.

Este quadro começou a sofrer paulatinamente leves alterações nos anos que antecederam a Guerra Civil Americana (“The Antebellum Years”). Neste período iniciou-se uma crescente preocupação com a pobre condição física feminina. De acordo com VERTINSKY (1994) alguns reformadores da saúde clamavam por exercícios físicos na educação feminina. As décadas de 1820 - 1860 foram marcadas por pessoas que preconizavam a adesão da mulher aos exercícios físicos, como forma de aquisição de saúde e vigor físico. Uma das lideranças deste movimento foi Catherine Beecher (que em 1865 escreveu *Physiology and Calistenics for Schools*) a qual fundou dois seminários exclusivos para garotas, nos quais havia uma grande ênfase ao exercício físico diário - em um deles, o Hartford Female Seminary in Connecticut, fundado em 1824, existia um dos mais completos e vigorosos programas físicos e de esporte disponíveis para mulheres à época (VERTINSKY, 1994). Catherine Beecher, no entanto, enxergava o aprimoramento das qualidades físicas e intelectuais da mulher republicana dentro da esfera feminina - o mundo privado do lar e das crianças.

Com a industrialização e a crescente urbanização do período, a aspiração feminina por educação física e esportes era uma das facetas das múltiplas ambições das mulheres por liberdade. Em contrapartida, um forte movimento de médicos e cientistas, cujo expoente foi Herbert Spencer, labutava na contracorrente destes anseios, teorizando sobre a contradição básica que seria um programa físico ou intelectual vigoroso para as mulheres, ante a função necessária da procriação que estas precisariam exercer:

Herbert Spencer foi extremamente influente em popularizar a suposta incapacidade física da mulher neste período. Ele provavelmente foi o supremo ideólogo do período Vitoriano, seu trabalho refletindo as idéias e valores dominantes na classe média (...). Referindo-se à lei de Lamarck do uso e do desuso, Spencer explanou que a força inicial que as mulheres tinham nos tempos primitivos foi perdida durante a evolução, pois neste processo elas ficaram livres da necessidade de fazer trabalho

físico árduo (...). Uma mulher, lhe parecia, não podia fazer duas coisas ao mesmo tempo. Pelo fato dela necessitar despendar muita energia no trabalho da reprodução, qualquer força extra usada no esforço intelectual ou numa atividade física vigorosa resultaria em fraqueza, doença, infertilidade ou danos para as futuras gerações (VERTINSKY, 1994, p.69).

Nessa época algumas idéias começam a se alterar. Se por um lado os conceitos de feminilidade e a já citada “teoria da incapacidade menstrual” faziam com que as mulheres aceitassem as suas limitações físicas e atléticas, por outro lado existia uma noção clara que a força física e a saúde eram atributos essenciais à maternidade. Neste contexto, a liberação esportiva e física da mulher era absolutamente enquadrada pelas noções pré-concebidas da sua natureza e capacidade .

Conforme já mencionado, o ciclismo nesta época teve um grande papel e contribuiu enormemente para a liberação física - em termos de mobilidade, vestimenta e saúde - da mulher, sobretudo na segunda metade do século XIX.

Entretanto, o *locus* central da ocorrência do esporte feminino nos Estados Unidos, foram as escolas - sobretudo ao organizar as modalidades coletivas. Escolas exclusivas para mulheres, em Nova Iorque e na Nova Inglaterra, como o Vassar, o Wellesley, entre outros, foram grandes incentivadoras do esporte enquanto “forma de emancipação física da mulher” (VERTINSKY, 1994, p.74).

Porém, muitos médicos insistiam em diversas teorias contrárias à participação feminina em atividades físicas e esportivas, o que provocou veementes reações opostas. Obras como a do Dr. Edward Clarke (*Sexo E Educação Ou Uma Pequena Chance Para As Garotas*), que eram ardentemente contra o envolvimento da mulher em atividades físicas ou intelectuais, acabaram precipitando um movimento contrário, levando inclusive a estudos que mostravam os benefícios da atividade física para garotas: “Em 1882, a líder feminista Elizabeth Cady Stanton estava apta a proclamar que as estatísticas mostram que as garotas que frequentam a escola são mais saudáveis do que aquelas que levam uma vida lânguida na sociedade” (VERTINSKY, 1994, p.75).

Um dos modos mais comuns de exercício físico nos colégios para as mulheres na segunda metade do século XIX foi a ginástica sueca. Nos anos 1860, as mulheres começaram a praticar com força total o croquet; contudo, o jogo preferido das meninas norte-americanas nos anos 1890 foi

o basquete, depois de uma década da sua invenção, que se tornou o jogo predileto e aclamado pelas mulheres nos colégios através dos EUA - um novo jogo para uma nova mulher (VERTINSKY, 1994, p.75).

Deve-se ter claro, no entanto, que as mulheres que praticavam esportes e atividades físicas na passagem de século ainda eram minoria. Os conceitos arraigados das limitações biológicas da mulher para praticar esporte, dos malefícios da prática feminina e, ao contrário, dos benefícios que só os homens alcançavam fazendo esportes, ainda prosseguiram por longo tempo.

3.1.1.5 Bases e raízes do esporte feminino no século XX

Ao final do século XIX, enxergando um 'afrouxamento' e uma demasiada 'suavização' dos homens americanos, o presidente Theodore Roosevelt declara que

Somente esportes agressivos poderiam criar 'a musculatura, o espírito, a camaradagem e a vivacidade dos homens'. O campo de futebol americano, dizia Roosevelt, 'é o único local aonde a supremacia masculina é incontestável' (HULT, 1994, p.84).

Algumas temáticas acabaram perdurando e se tornando **recorrentes durante o processo de aproximação da mulher no esporte neste período** (HULT, 1994):

- a noção médica da fragilidade inerente à mulher devido a sua anatomia e fisiologia;

- casamento, maternidade, e o serviço doméstico como os principais componentes do comportamento feminino;
- idéias separatistas de algumas professoras de educação física agindo e orientando a sua prática como um refúgio seguro numa sociedade competitiva e dominada por homens.

Este último item com certeza teve um papel crucial no desenvolvimento das atividades atléticas para mulheres desde então. Como afirmado anteriormente, o treino físico e esportivo para mulheres nos Estados Unidos cresceu e se firmou diretamente nos programas de Educação Física - contrariamente ao esporte competitivo e elitizado para os homens capazes de terem as melhores performances, a tradição dos programas femininos construiu-se na crença que todas as mulheres deveriam participar e experimentar a alegria do esporte, não apenas as que obtinham destaque (HULT, 1994).

A esta grande diferenciação nas origens dos modelos esportivos para cada gênero, adicione-se o fato que as primeiras mulheres professoras de Educação Física (que surgiram entre as décadas de 1860 e 1900), foram as pioneiras a experimentar uma nova forma de ser mulher, diferente da opção válida até então - 'do lar'. Dados da época afirmam que 90% destas mulheres permaneceram solteiras. Para estas professoras, conforme HULT (1994),

Ensinar educação física, e determinados esportes, e comportamentos esportivos, e valores para garotas e jovens mulheres, apesar de não ser o ideal de vida doméstica, guardava várias características em comum com este ideal. Exercer o controle sobre suas estudantes, por exemplo, era semelhante ao controle que uma mãe tinha sobre as suas filhas. Este quase - maternalismo é uma contribuição importante à tradição esportiva feminina (p.85-6).

É importante ressaltar-se que esta tradição maternal advinda destas pioneiras, em conjunto com a ideologia da atividade esportiva não competitiva gerou muitos frutos em termos de ações práticas. Houve uma "Era dos Esportes

Recreativos” (HULT, 1994), entre 1920 - 1940, em que o movimento dos encontros escolares entre equipes femininas (os Play Days e os Sport Days), eram competições alternativas, aonde se jogava não sob a bandeira de uma escola, mas com times mistos, no primeiro caso; e no segundo, apesar da disputa ser entre escolas, o caráter competitivo era diminuído, ao evitarem-se premiações ou mesmo o ‘coaching’ intensivo (HULT, 1994).

Toda esta concepção feminina de “esporte para todas” ia abertamente de encontro à prática masculina de esportes altamente competitivos. A luta ideológica foi travada também no interior das entidades que controlavam o esporte escolar e amador americano.

Porém, esta primeira geração de professoras que tentaram criar um novo lugar para si dentro da sociedade, diferente daquele papel tradicional e preestabelecido para a mulher, ajudou a formar uma nova geração de professoras de Educação Física. Estas, por sua vez, tiveram grandes oportunidades, durante a 2ª Guerra Mundial, de conduzir os programas de esporte de alto nível para o departamento de guerra, e começaram a questionar os valores com os quais haviam crescido - ideais como participação de todas, esportes recreativos, maior amizade e solidariedade e menor competitividade, entre outros, começaram a ser abertamente questionados; desta forma, durante os anos 1940 - 1950, as tentativas das antigas gerações em “proteger” o esporte feminino do “lado competitivo masculino” tornaram-se inúteis; o estabelecimento dos esportes amadores e a cultura popular, em conjunto com os novos interesses das professoras de Educação Física, forjaram o ambiente para o esporte competitivo de alto nível para as mulheres. “(...) Houve uma rejeição completa do mito que a competição atlética era masculina por natureza. Ao mesmo tempo, o afluxo de garotas e mulheres nos esportes forçou modificações e mudanças no papel e função do esporte na nossa cultura” (HULT, 1994, p.95).

3.1.1.5.1 Emendas educacionais de 1972 - TITLE IX

O ‘TITLE IX’ foi uma grande intervenção do governo federal americano na educação e nos esportes, a qual afetava diretamente a direção e os princípios do

treinamento esportivo para garotas nas escolas. Ao proclamar que “nenhuma pessoa nos EUA será, baseada no sexo, excluída da participação, ou negada e afastada dos benefícios, ou objeto de discriminação na educação ou qualquer atividade que receba assistência financeira federal” (HULT, 1994, p.96), esta emenda, ao mesmo tempo em que trouxe milhões de garotas e mulheres para os campos esportivos - ditando até os detalhes de como as aulas de Educação Física deveriam ser em classes mistas, e apenas algumas atividades dentro das aulas poderiam ser para apenas um dos sexos - afastou também as mulheres do comando central da administração dos programas atléticos para garotas. Ou seja, ao extinguir as esferas separadas dos departamentos de educação física femininos, o ‘TITLE IX’ ofereceu várias e novas oportunidades competitivas para garotas - mas reduziu drasticamente as posições de liderança feminina no esporte, seja na administração ou até nas posições de técnicas. De acordo com OTT (1999), entre 1974 e 1979, houve um aumento de 185% no número de posições para técnicos esportivos em times universitários femininos; destas vagas, 98% foram preenchidas por homens.

As mulheres, no anseio de lutar pela igualdade que o total cumprimento do ‘TÍTULO IX’ representava, deixaram em suspenso o seu compromisso filosófico com os valores educativos de modelos alternativos para o esporte - o que de fato mostrou ser uma espécie de armadilha para elas. Se a implementação total da emenda ampliou, e muito, a participação das mulheres nos programas esportivos, ela também significou uma derrocada dos departamentos de Educação Física e das próprias entidades esportivas por elas controladas - além de ter sido a derradeira “pá de cal” para aqueles modelos alternativos.

3.2 A evolução da educação física e do esporte para mulheres no Brasil: bases ideológicas

ROSEMBERG, PIZA & MONTENEGRO (1990) em seu extenso trabalho de levantamento bibliográfico sobre a educação formal da mulher no Brasil, afirmam que o capítulo sobre o corpo foi “(...) o que sem dúvida, nos deu mais trabalho.(...). Há uma dissociação nítida entre a consciência que ensina ou aprende e o corpo que ensina ou aprende.” E concluem mais adiante: “A escola é o espaço de

produção do saber. A reflexão sobre a escola privilegia o conhecimento. De maneira ostensiva, o corpo aqui esvanece.” (ROSEMBERG et al., 1990, p.120-1).

Já MOURÃO (1998) também comenta a “ausência de documentação disponível que discuta sobre as demandas ou mesmo lutas das mulheres brasileiras, sobretudo no campo esportivo (...)” (p.11). A autora levanta algumas hipóteses para esta carência: a primeira seria que “não houve - nem há, na história da emancipação esportiva da mulher brasileira, confronto explícito, de luta territorial, e sim um processo lento de infiltração (...)” (p.9). Em segundo lugar, a autora demonstra que a imprensa brasileira sempre esteve em mãos masculinas, e assim todos os registros sobre a mulher aparecem sob o viés do homem.

Em face de tamanha dificuldade das pesquisadoras citadas, o nosso “breve olhar histórico” sobre a Educação Física e o esporte para mulheres no Brasil ficará também sujeito às mesmas limitações de fontes bibliográficas.

E esta limitação de fontes - que indica claramente que a Educação Física e o esporte feminino têm sido temática sobre a qual a reflexão sistemática é ínfima em nosso país - parece ocorrer também alhures. CREFF & CANU (1982) apontam a mesma escassez na literatura esportiva francesa; PEREIRA (1984) faz o mesmo comentário diante da produção norte-americana.

É fato, no entanto, que a produção bibliográfica sobre a temática da Educação Física e do Esporte para mulheres no Brasil - a qual enfoca em primeira e em última instância **o corpo feminino** - realça sempre uma grande quantidade de estigmas e estereótipos há muito enraizados na “cultura esportiva nacional”. No mesmo trabalho, as autoras advertem que

a leitura dos textos brasileiros arrolados sobre Educação Física e esportes transmite a sensação que, aqui, o preconceito contra a mulher foi mais intenso que em outras esferas educacionais. Tais atividades estavam, e ainda estão, intensamente associadas a componentes viris, vinculados a agressividade, competitividade e força física - atributos do guerreiro - **incompatíveis com o pudor, a fragilidade e a doçura - atributos da fêmea que procria**” [grifo nosso] (ROSEMBERG et al., 1990, p.122).

Vários documentos levantados pelas autoras deixam claro que a sociedade brasileira, dominada majoritariamente por homens, vem condicionando a formação física e esportiva das mulheres, e elegendo os requisitos para julgar a feminilidade, escolhendo aquilo que pode ou não ser praticado nestas áreas, pela “mulher brasileira”. O futebol, paixão nacional e elemento central da cultura brasileira, foi proibido para as mulheres no Brasil até 1979, por Deliberação do Conselho Nacional dos Desportos - CND (PEREIRA, 1984).

Dezenas de vozes se levantaram, dentro da própria literatura médica - desportiva oficial (manuais de fisiologia, documentos de Escolas de Educação Física) para legislar e defender, sob argumentos ‘científicos’, quais práticas eram adequadas às mulheres. No ARQUIVO da ESCOLA NACIONAL de EDUCAÇÃO FÍSICA podemos encontrar opiniões como:

É claro que qualquer um de nós que vive a especialidade citará, de imediato, várias atividades indicadas (para mulheres - nr) (...) e várias contra-indicadas: todas aquelas que condicionam muitos contatos pessoais, como o famigerado futebol feminino, inclusive o futebol de salão. É uma monstruosidade ver-se vinte mulheres, porque duas estão no goal, perseguindo desordenadamente uma bola em condições as mais antipáticas e desgraciosas. (ARENO³ apud PEREIRA, 1984, p.8).

Em outro momento de ‘legislação’ sobre o esporte feminino, no seu tratado sobre fisiologia esportiva, PINI (1978) também faz as suas considerações sobre o que deve e o que pode ser praticado pelas mulheres:

Em nosso ver, a mulher não deve participar de modalidades esportivas como o rugby, o futebol, as lutas, além de outras, por exigirem condições especiais de treinamento e pelo enorme desgaste físico que acarretam, além da violência dos contatos físicos que podem surgir no ardor das

³ W. Areno, Fundamentos biológicos da educação física feminina. **Arquivos da Escola de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro, 17, 1962. p.55-70.

disputas (...). Pelas razões expostas, a mulher deve dedicar-se apenas às modalidades esportivas que favoreçam e **exaltem a sua beleza física, a delicadeza e a graça de seus movimentos** [grifo do autor] (PINI, 1978, p.209).

Estes pequenos porém significativos trechos deixam entrever o cipoal ideológico em meio ao qual se encontram a atividade esportiva para mulheres e a reflexão sobre os destinos do **corpo feminino**. À mulher são reservadas práticas que devem sempre preservar os “atributos inatos” do seu ser, sua beleza, fragilidade, maternidade, entre outros. Como comentado anteriormente, nesta visão ainda perdura aquele ideal Renascentista do ‘belo sexo’ levantado por LIPOVETSKY (2000), para quem a beleza entra na era moderna quando a mulher é alçada às nuvens como encarnação suprema desta. Assim, esta mentalidade, que de fato é o eixo através do qual se pensa sobre as possibilidades do **corpo feminino** para realizar ou não determinadas atividades, na verdade traduzia uma rígida especialização dos sexos. Ao ser erguida a patamares intangíveis de beleza, a mulher passa a ter uma especialidade, ‘ser bela’, e tudo o que a afaste desta ‘missão’, conforme os valores estéticos da época, deve lhe ser negado.

Enfim, são estas idéias a respeito do corpo feminino que emergem e dirigem a realidade do esporte e da atividade física para mulheres que se desenvolve no Brasil. Por trás e subjacente às noções de feminilidade, existe um medo real que as mulheres que praticam exercícios físicos fiquem masculinizadas (LENK, 1982; PINI, 1978), afastando-se dos ideais de beleza e maternidade apropriados a elas.

3.2.1 Pequena cronologia da educação física e da prática esportiva para mulheres no Brasil

Como dito anteriormente, a Educação Física brasileira evoluiu, até à afirmação das Escolas de Educação Física nas Universidades públicas, estreitamente ligada à vida militar, a qual por sua vez sempre foi negada ou restrita às mulheres. Deve ressaltar-se, como afirma ROSEMBERG (1995) que a

historiografia deste setor é incompleta, com a maioria dos textos chegando somente até o período do Estado Novo.

Durante uma boa parte do Império, a Educação Física era vedada às meninas. “O primeiro livro editado sobre o assunto é explícito: *Tratado de Educação Física - Moral dos meninos* (1828)” (ROSEMBERG et al, 1990, p.125). Se a legislação que incluiu a ginástica no currículo escolar, em 1851, não colocava claramente nenhuma discriminação de sexo, a prática em cada província do Brasil (os atuais estados) ia no sentido da oposição da ginástica feminina (PEREIRA, 1984; ROSEMBERG et al.,1990). O presidente da província do Amazonas foi taxativo ao regulamentar a prática da instrução escolar, em 1852: “As meninas não farão exercícios ginásticos”. (ROSEMBERG, 1995, p.279).

Na época, as próprias famílias das meninas se opunham veementemente à prática de exercícios físicos por parte destas. Quando, em 1874 no Rio de Janeiro, tentou-se introduzir a ginástica feminina nas escolas, houve uma comoção geral, que obrigou à suspensão das aulas, visto que pais proibiram as filhas de executarem qualquer exercício ginástico, e mesmo algumas alunas se recusarem a freqüentar estas aulas. (ROSEMBERG et al., 1990, p.126).

Rui Barbosa, o grande mentor da Educação Física nacional, deu o seu parecer ao projeto educacional de reforma do ensino primário, em 1882, entendendo que a ginástica deveria ser obrigatória para ambos os sexos em todo o país, “(...) tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura”. (ROSEMBERG, 1995, p.280).

Na transição do século XIX para o XX, ainda havia focos de resistência à atividade física feminina, como a Escola Normal da Bahia, a qual reservava os exercícios físicos apenas aos alunos. (CANTARINO FILHO⁴, apud ROSEMBERG et al., 1990).

No início da era republicana e começo do século XX no Brasil, as referências que se têm permitem inferir que a ginástica ocorria para ambos os sexos, sendo variadas a periodicidade e o tipo de atividade para cada um.

⁴ M.R. Cantarino Filho, **A educação física no estado novo: história e doutrina**. Brasília, 1982. 217p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília.

É com a Reforma Fernando de Azevedo, que legislava sobre todo o ensino no Distrito Federal (RJ à época), que se especificam os conteúdos da prática de atividade física para mulheres:

A Educação Física para mulheres deve ser, portanto, integral (...) abrangendo com os trabalhos manuais os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todos compatíveis com a delicadeza do organismo das mães. (AZEVEDO⁵, apud ROSEMBERG et al., 1990, p.127).

Há então uma clara diferenciação entre a ginástica para as mulheres e o esporte para mulheres. A atividade física da ginástica parece ser aceita e necessária às mulheres. No entanto, conforme PEREIRA (1984, p.127), “é no esporte, como um

campo de predominância masculina com objetivos de vitória, rendimento e sucesso social, que as dificuldades aparecem”.

Na década de 1920, algumas competições de natação para mulheres, conforme LENK (1982) começam a despontar. A própria autora, Maria Lenk, é a primeira mulher brasileira a disputar uma Olimpíada - em 1932, Jogos de Los Angeles.

PEREIRA (1984) faz algumas comparações mostradas na TABELA 1, entre as datas das primeiras competições nacionais no Brasil de algumas modalidades para os homens em relação às datas destas mesmas competições para mulheres:

⁵ F. Azevedo, **Reforma do ensino no distrito federal**. São Paulo, Melhoramentos, 1929.

TABELA 1 - Comparação entre as datas das primeiras competições nacionais do sexo masculino e do feminino (PEREIRA, 1984, p.27).

MODALIDADE	CAMPEONATO MASCULINO	CAMPEONATO FEMININO
NATAÇÃO	1898	1935
ATLETISMO	1925	1940
TÊNIS CAMPO	1923	1947
BASQUETEBOL	1925	1940

Ou seja, um argumento histórico inequívoco que demonstra como foi árduo o início do esporte competitivo para mulheres no Brasil.

Na década de 1930, as competições de natação começam a se suceder e a aumentar numericamente. Maria Lenk participa de várias competições interestaduais; clubes como o E. C. Germânia (depois E.C. Pinheiros), a Associação Atlética São Paulo, entre outros, organizam competições da modalidade. “É interessante notar dois aspectos: a natação é a primeira modalidade que organiza exposições (...); as competições são para ‘senhoritas’. A natação na época, era um esporte cuja técnica não incluía desenvolvimento muscular (...) tratando-se de um esporte que se considerava não masculinizar as mulheres.” (ROSEMBERG et al., 1990, p.128).

Durante o primeiro período getulista (1930 - 38), o esporte e a ginástica geraram manifestações cívicas que eram absorvidas pelos políticos, em especial pelo presidente Getúlio Vargas, o qual foi pessoalmente se despedir da delegação olímpica brasileira que rumava para os Jogos de 1932 (Los Angeles).

Algumas medidas normatizadoras em relação ao esporte feminino foram levadas a cabo posteriormente pelo Estado Novo, como aquelas que vedavam às mulheres a prática de esportes incompatíveis com a sua natureza. “Este decreto foi regulamentado em 1956 por deliberação do Conselho Nacional de Desportos, que proibia às mulheres a prática de lutas de qualquer natureza, futebol e futebol de

salão, futebol de praia, pólo aquático, rúgbi, halterofilismo e beisebol.” (ROSEMBERG et al., 1990, p.130).

Dessa regulamentação surgiram situações tragicômicas; certa vez, a Confederação Brasileira de Judô inscreveu suas atletas no campeonato sul-americano da modalidade, realizado em 1979 na Argentina, com nomes masculinos - o que só foi descoberto quando a equipe vitoriosa apresentou-se em Brasília. (ROMERO⁶ apud ROSEMBERG, 1995).

Essas medidas e regulamentos, ao legislarem sobre a prática de atividade física e esportes para mulheres, jogam-na para uma encruzilhada, como comenta ROSEMBERG (1995): a Educação Física para o corpo das futuras mães, e o esporte um território aonde o que vale é a lógica do guerreiro, patriarcal.

Novamente, a história nos remete à questão do **corpo**: afinal, o que é este corpo, masculino, feminino, atlético, enfim, humano, sobre o qual tantas preocupações recaem, tantas legislações e argumentos são usados em sua defesa, que precisa ser protegido de certas atividades e submetido a outras?

3.3 Corpo

*Veja: o corpo inclui e é a significação, a
idéia mestra, e inclui e é a alma. Seja você
quem for - que esplêndido e divino é o seu
corpo ou qualquer parte dele! (Walt
WHITMAN, 1984)*

Vimos como a preocupação com o corpo feminino tem sido uma constante no decorrer dos séculos, principalmente em se tratando de suas ações físicas. Legislar, criar normas e costumes para o seu uso; a existência de uma moral própria e de condutas rígidas para com esse corpo; tudo, enfim, que trata da atividade física feminina (esportiva, recreativa) parece recair sobre o corpo, entendido como “algo” a

se colocar fora da disputa - elas não podem porque possuem “esse” corpo, que não é “bom” ou “adequado” para certo tipo de ação.

Há inclusive uma certa similaridade de pensamentos, acima e abaixo da linha do Equador, sobre o que o corpo feminino poderia ou não executar em termos da atividade física e esportiva - as restrições ao corpo feminino, ao Sul e ao Norte desta linha, baseiam-se em concepções de maternidade, de beleza, de fragilidade, de uso e desuso do corpo da mulher conforme o que lhe é facultado executar, mas principalmente de acordo com o seu papel cultural. Ora, no interior destas culturas, os corpos femininos parecem tratados como “máquinas de filhos”, e como “estátuas a se admirar”: nada pode fazer com que estas funções primeiras destes corpos se abalem ou se percam. Se a atividade irá, mesmo que por um tempo limitado, “desarrumar” os corpos, ameaçar sua fragilidade, desgastar suas energias ou tirar a sua graciosidade, ela deve ser rechaçada.

Claro que cada coisa no seu tempo, cada época com os seus costumes e cultura corporal, e que as mudanças, no decorrer da história e das conquistas femininas, são bem nítidas.

Aliás, as técnicas corporais de cada sociedade são extremamente variáveis. Foi LÉVI-STRAUSS, ao prefaciar a obra de MAUSS (1974) sobre as técnicas corporais, quem colocou:

Os limiares da excitabilidade , os limites de resistência são diferentes em cada cultura. O esforço ‘irrealizável’, a dor ‘insuportável’, o prazer ‘indizível’ são mais critérios sancionados pela aprovação ou desaprovação coletiva do que a função de particularidades individuais. Cada técnica, cada conduta tradicionalmente aprendida e transmitida, fundamenta-se em certas sinergias nervosas e musculares que constituem verdadeiros sistemas, solidários com todo um contexto sociológico (LÉVI-STRAUSS, in MAUSS, 1974, p.4).

⁶ E. Romero, **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física**. São Paulo, 1990. 325p. Tese (Doutorado)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

Mas o que se quer ressaltar aqui é como, dentro destas sociedades nas quais o esporte e a atividade física para mulheres foi brevemente historiado, o corpo delas foi sempre e absolutamente visto como um mero objeto, que dá filhos, que quebra a um toque, que deve ser gracioso para enfeitar o ambiente, enfim, que só existe para cumprir funções pré-determinadas, e não para ser.

Pode o corpo existir dessa forma? É possível pensar esse corpo como algo além de suas disposições funcionais estabelecidas aprioristicamente?

3.3.1 A dicotomia sujeito/objeto instalada no corpo

A história da atividade corporal da mulher relatada acima deixa claro: a mulher foi, e talvez ainda o seja, de alguma maneira regulada pelas concepções sociais do que o seu corpo deve ser; mais do que a mulher - ser humano, o corpo dela, em total separação do seu interior, deve ser algo que contemple funções preestabelecidas.

Contudo, como pode ser um corpo um mero objeto funcional? Qual outro objeto que, sozinho, anda em meio aos demais? O corpo não existe, segura, mexe e intervém sobre o mundo dos objetos? Ou, conforme FRAYZE-PEREIRA (1996, p.52-3), ao discutir a questão do corpo:

A relação entre o corpo e o mundo é estesiológica: há a carne do corpo e a carne do mundo, isto é, há em cada um deles uma interioridade que se propaga ao outro e essa propagação é reversível (...). Em suma, o corpo, tal como Merleau-Ponty o descobre e o descreve é uma **transcendência: ele se vê impedido de ser completamente um objeto** (não é absolutamente nem visível nem tangível) **na medida em que já é uma espécie de sujeito (é ele quem vê e quem toca)** [grifos nossos].

Mais do que uma simples discussão sobre “mulheres - objeto” em capas de revistas masculinas (ou o inverso, “homens - objeto” em capas de revistas várias), o que se quer resgatar aqui é a essência mesma do corpo.

E esta tarefa de resgate do corpo servirá como base para a reflexão sobre a mulher esportiva; encontrar o corporal é abrir caminhos para compreender o esportivo. Buscar a essência do corpo significa estabelecer as bases ideológicas, culturais e científicas sobre as quais estudaremos a mulher esportiva.

Historicamente, procurou-se de todas as formas afastar-se a mulher do esporte, sendo dito e frisado que o corpo dela não podia, não devia, não cabia. Separou-se drasticamente a mulher - sujeito de sua ação. Atualmente, dada a emancipação e o desenvolvimento feminino também nesta área, as proibições e restrições ficam difíceis de serem sustentadas. Assim, procura-se controlar o corpo feminino esportista retirando-lhe os seus atributos atléticos, negando importância aos fatos esportivos propriamente ditos, priorizando outras qualidades no corpo da atleta. Segundo KOLNES (1995),

a presença feminina no esporte de alto nível sofre tamanha interferência dos padrões sexuais de gênero [o princípio da organização heterossexual, segundo a autora], que ao contrário do que parece, a mulher atleta vê-se obrigada - para permanecer na mídia, para obter resultados e patrocinadores, enfim, para ter sucesso no esporte - a reproduzir e a se conformar com ideologias patriarcais e mesmo com os modelos estereotipados de feminilidade (p.71).

Isto feito, novamente procede-se a uma cisão entre o sujeito e o corpo-objeto. A mulher atleta, assim, é separada do seu corpo; o que ela busca (desempenho, resultados, performance) é obtido através do corpo, o qual no entanto deve parecer o que não é: “feminino” na sua significação renascentista (de novo ela) de “belo”, “frágil”, “puro”.

O corpo, contudo, segue com a sua existência. Ele não só pertence ao sujeito **falante**; ele pertence ao sujeito **ativo**; aliás, este sujeito - ainda mais em se tratando de atletas - só é ativo devido ao corpo, só exerce a sua natureza mesma por causa da sua ação corporal. O corpo recusa a sua transformação em objeto, visto que ele age sobre o mundo dos objetos, posto que ele age sobre si mesmo. No entender de VERON (1976, p.179),

(...) o corpo está em todos os lugares. O que quer dizer que toda a produção significativa do homem tem os traços do corpo. Deste ponto de vista, todo o discurso é um discurso sobre o corpo (no duplo sentido de ‘ter um’ e de ‘ser fundado por um’). **Poderia se dizer ainda que: todo discurso é corporal** [grifo nosso]. (...) Horizonte permanente de todo o sentido, a onipresença do corpo não facilita as coisas; ela explica, ao contrário, as dificuldades que a sua objetivação comporta. Condição de produção de todo o sentido, o objeto - corpo em si se esconde ao olhar das ciências ditas humanas ou sociais.

Ao dizer que o “corpo está em tudo”, e que “todo o discurso é corporal”, o autor traça as linhas mestras desta essência do corpo humano que estamos em busca, para chegarmos ao corpo - esportivo.

3.3.2 Do corpo/objeto ao corpo - sujeito

Para FREUD, (1976, p.40) “(...) o ego é antes de tudo um ego corporal”. Segundo o autor, o responsável pelas abordagens e motilidade no ser humano é o ego. Caso substituíssemos na frase entre aspas acima o termo “ego” pelo seu correspondente “eu” (em Portugal é usado desta forma; no espanhol traduz-se “ego” por “yo”, assim como no alemão, “ego” é “ich”, ambos termos nestas línguas que indicam o “eu”), teríamos que o “**eu é antes de tudo um eu corporal**”. Ou seja, que o ser humano não existe sem o corpo, que ele é o corpo, não o habita de longe, emitindo - lhe ordens para o seu funcionamento pleno; aliás, sem esse último, não há o “eu”, não há o ser humano.

A natureza mesma deste corpo humano não é apenas a de estar onipresente nas ações do homem, garantindo-lhe a existência mundana. De fato, não é apenas o corpo que está em tudo, mas sim “o homem está todo, em tudo o

que faz” (BERGER⁷ apud SERGIO,1999, p.38). O **homem todo**, o que significa, o corpo - sujeito agindo.

E foi este o caminho seguido por MERLEAU-PONTY para esclarecer o sentido primeiro do corpo. Para a ciência da percepção, para a fenomenologia, perceber o mundo só se faz possível através do corpo: “Perceber é tornar presente qualquer coisa, com a ajuda do corpo” (MERLEAU-PONTY,1947, p.152). Isto é, a percepção do homem somente acontece, não com o auxílio do corpo; ela se faz **no corpo**; o ser humano tem um corpo, mas acima de tudo ele **é um corpo**.

Neste sentido, o ser humano - corpo realiza o mundo, penetra-o, modifica-o e é modificado. Sentir o mundo, perceber o mundo, apenas o corpo enquanto sujeito ativo pode fazê-lo, segundo MERLEAU-PONTY:

Meu corpo, como encenador da minha percepção, já destruiu a ilusão de uma coincidência de minha percepção com as próprias coisas (...). **Sem dúvida, não é inteiramente meu corpo quem percebe; só sei que pode impedir-me de perceber, que não posso perceber sem sua permissão; no momento em que a percepção surge, ele se apaga diante dela, e nunca ela o apanha no ato de perceber.** (...) meu corpo não percebe, mas está como construído em torno da percepção que se patenteia através dele; por todo o seu arranjo interno, por seus circuitos sensório-motores, pelas vias de retorno que controlam e relançam os movimentos, ele se prepara, por assim dizer, para uma percepção de si, mesmo se nunca é ele que ele próprio percebe, ou ele quem o percebe. Antes da ciência do corpo - que implica a relação com outrem - a experiência de minha carne como ganga da minha percepção **ensinou-me que a percepção não nasce em qualquer lugar, mas emerge no recesso de um corpo** [grifos nossos] (1992, p.21).

Desse modo, de acordo com MERLEAU-PONTY (1975b,1992,1999) perceber o mundo e as coisas dele, os objetos, não consiste numa mera operação de

⁷ G. BERGER, **Caractère et personnalité**, Paris, PUF, 1954.

manipulação extensa sobre eles e sobre este mundo. Há a necessidade de habitá-los inicialmente, com nosso corpo, base de toda a percepção:

Mister se faz que o pensamento da ciência - pensamento de sobrevôo, pensamento do objeto em geral - torne a colocar-se num 'há' prévio, no lugar, no solo do mundo sensível e do mundo lavrado tais como são em nossa vida, para nosso corpo, não esse corpo possível do qual é lícito sustentar que é uma máquina de informação, mas sim esse corpo atual que digo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. (MERLEAU-PONTY, 1975b, p.276).

Finalmente, o filósofo dá termo ao seu raciocínio, ao apontar a absoluta indissolubilidade do homem com seu corpo:

Visível e móvel, meu corpo está no número das coisas, é uma delas; é captado na contextura do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas já que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofo do corpo. Estes deslocamentos, estas antinomias são maneiras diversas de dizer que a visão é tomada ou se faz do meio das coisas, de lá onde um visível se põe a ver, torna-se viável por si e pela visão de todas as coisas, de lá onde, qual a água - mãe no cristal, a indivisão do senciante e do sentido persiste. Essa interioridade não precede o arranjo material do corpo humano, e tampouco dele resulta (...). Porém a humanidade não é produzida como um efeito por nossas articulações, pela implantação dos nossos olhos (...). Estas contingências e outras semelhantes, sem as quais não haveria homem, por simples soma não fazem que haja um só homem. A animação do corpo não é a junção, uma contra a outra, de suas partes - nem aliás, a descida, no autômato, de um espírito vindo de outro lugar, o que ainda suporia que o próprio corpo é sem interior e sem 'si'. Um corpo humano aí está quando, entre vidente e

visível, entre tateante e tocado, entre a mão e a mão, faz-se uma espécie de recruzamento, quando se acende a centelha do **senciente - sensível** [grifo do autor], quando esse fogo que não mais cessará de arder pega, até que tal acidente do corpo desfaça aquilo que nenhum acidente teria bastado para fazer... (MERLEAU-PONTY, 1975b, p.278-9).

Neste trecho, MERLEAU-PONTY realmente aponta qual corpo possuímos, o que é ter o corpo; de fato, ele só existe na nossa existência, e só existimos nele. Defronte do espelho, no escuro, agindo e praticando esporte, não estamos no corpo, não o deixamos de ver, não jogamos com ele; **somos** o corpo, e tudo o que ele mostra, nós mostramos; tudo o que ele vê, vemos; o que se mostra a ele, nos é mostrado. O **corpo - esportista**, por assim dizer, é o **corpo - sujeito** da vida humana cotidiana e real, com todas as suas **imagens** as quais - no processo de redução do corpo a um mero objeto entre objetos, com funções pré-definidas antes de sua existência - poderiam ter se deslocado para um local específico das imagens separadas do corpo, ou afastadas deste, meras fotografias de uma realidade estabelecida sem a participação do corpo.

Entretanto, a **imagem** que cada **corpo** possui e repassa a todo o momento - principalmente a da atleta durante a competição - é recheada de nuances próprias, tal qual o próprio corpo - sujeito. É criada e recriada pelo seu interlocutor, por quem se aproxima e troca o olhar com outrem; pertence a quem, no mesmo movimento, **percebe - e é percebido**.

3.4 Imagem corporal

*“O que me falta é este eu que tu vês - e o
que te falta é o tu que eu vejo” (Paul
VALÉRY)*

Segundo OLIVIER (1995), Arnold Pick, foi o precursor das pesquisas sobre a imagem corporal, em 1908, ao integrar sensações táteis, estímulos visuais e cinestésicos.

Conforme ZINN (1985), Henry Head foi o primeiro pesquisador a elaborar uma teoria mais apurada sobre a imagem corporal, em 1920, ao descrevê-la como uma unidade derivada de experiências passadas e sensações presentes no córtex sensorial.

Porém foi a partir de Paul Schilder, psiquiatra e psicanalista da década de 1940, que ocorreu uma ampliação do conceito de imagem corporal.

SCHILDER (1980) entende que a imagem do corpo humano é a figuração do nosso corpo formada em nossa mente, o modo pelo qual o nosso corpo se apresenta para nós. Este psiquiatra porém, vai mais além em seus estudos, dimensionando todas as variáveis (sociais, emocionais, intercorporais, proprioceptivas, musculares entre outras) que compõem a imagem corporal de cada indivíduo.

Em seus estudos feitos em pacientes com distúrbios na auto-imagem corporal, SCHILDER (1980) percebeu genericamente que, quando há problemas para se reconhecer uma parte do corpo próprio (o lado esquerdo ou direito, por exemplo), a pessoa apresenta o mesmo problema em relação aos corpos alheios. Concluiu assim que “(...) quando não somos capazes de ter uma percepção verdadeira de nosso próprio corpo, também somos incapazes de perceber os corpos dos outros.” (SCHILDER, 1980, p.41).

SCHILDER (1980) considera ainda que a imagem corporal é uma estrutura dinâmica, que está sempre em construção, resultante de memórias e também de percepções presentes; desta forma, a imagem corporal jamais está totalmente fechada e completa, mas sim em permanente aquisição e mudança, e que é preciso trabalho do ser humano no sentido de construí-la e elaborá-la continuamente. Para SCHILDER (1980), mais do que uma estrutura, a imagem corporal é uma estruturalização.

BAUMGARTER & JACKSON (1982) definem a imagem corporal como sendo a atitude que alguém tem para com o seu corpo, e também o meio pelo qual o próprio corpo é percebido, e enfocam as descobertas psicológicas que afirmam que os sentimentos individuais sobre o corpo próprio refletem as ansiedades e valores de cada pessoa.

ZINN (1985) coloca que a imagem corporal é a representação mental do corpo em situações dinâmicas e estáticas; para a autora, a imagem corporal é a soma das experiências que a pessoa tem com seu próprio corpo, visto enquanto entidade física, fisiológica, psicológica e social. Ela afirma que a imagem corporal é composta tanto dos aspectos holísticos – o corpo enquanto um todo – quanto das partes articuladas do corpo, e que a imagem corporal do ser humano está em constante transformação, pois se desenvolve através das trocas recíprocas entre o corpo e o ambiente físico e social.

BRANDÃO, LONGO, CAMPAGNOLE, AKEL, GHORAYEB & SOEIRO (1999) conceituam a imagem corporal como a imagem mental que o indivíduo possui sobre a sua própria aparência física, e que a autopercepção desta aparência é exclusiva do indivíduo; para estes autores, o modo como uma pessoa se apresenta ao mundo seria uma conjugação da sua imagem corporal real – como ela se observa – e da sua imagem corporal ideal – como ela gostaria de ser.

AKEL (2000) enfatiza que a imagem corporal é o modo como vemos nosso corpo e a representação mental que fazemos dele. Segundo a autora, a imagem corporal se estrutura através das percepções que o indivíduo faz de si, e do contato deste com o mundo que o rodeia.

GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) colocam que a imagem corporal é multidimensional e multifacetada - envolve percepções, atitudes, tamanho, aparência e identidade sexual; ela também é absolutamente pessoal e subjetiva, e socialmente construída; de fato, é uma imagem intercorporal, dinâmica e flexível, que influencia todo o comportamento do ser humano e o próprio processamento de informações, e que está absolutamente vinculada ao autoconceito.

SCULLY, KREMER, MEADE, GRAHAM & DUDGEON (1998) apontam na mesma direção de GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), colocando a imagem corporal como uma construção multidimensional de uma série de atividades cognitivas e de sentimentos a respeito do próprio corpo. Para ZINN (1985) a imagem corporal não é simplesmente a percepção que a pessoa possui do próprio corpo, mas é composta da inter-relação das várias dimensões humanas, que incluem toda a organização afetiva, social e cognitiva de cada ser humano.

Os diversos pesquisadores do tema concordam que imagem corporal de alguém não é nunca um fato isolado, ela está sempre relacionada com a imagem corporal dos outros seres humanos que convivem entre si.

AKEL (2000) considera que a imagem corporal é formada, desde o momento em que nascemos, pelas relações que mantemos nos diversos grupos sociais dos quais fazemos parte durante nossas vidas.

Com base em seus estudos - que o permitiram analisar, sob o viés da anormalidade e da patologia, a ausência e as carências perceptivas do ser humano em relação a sua auto-imagem corporal - SCHILDER (1980), no decorrer de todo o seu trabalho sobre a imagem corporal, afirma e reafirma categoricamente o quanto vivenciamos a imagem corporal dos outros, sugerindo diversas vezes que a nossa experiência com a imagem do nosso corpo está extremamente ligada à experiência de terceiros com seus próprios corpos. SCHILDER (1980) advoga inclusive que uma compreensão total dos problemas envolvidos pertinentes à imagem corporal só pode ocorrer se levarmos em conta as inter-relações das imagens corporais de várias pessoas, a sociologia das imagens corporais.

Ou seja, a nossa imagem corporal não existe sem a presença dos outros. A nossa comunidade, o nosso espectro social, a própria sociedade, enfim, nos envia sinais e imagens que acabam compondo, de uma forma dinâmica, e não mecânica, a nossa imagem corporal. Da mesma forma, enviamos imagens que acabam compondo as imagens corporais dos outros seres desta comunidade, num fluxo ininterrupto. Nosso corpo “se mostra” - e ao se mostrar, recolhe e enxerga as “mostras” dos outros corpos.

3.4.1 Corpo vidente - visível

Ao existirmos, nos movimentarmos pelo mundo, estamos, por assim dizer, “à mostra”. Nosso corpo, como foi dito, só existe em meio aos demais corpos, que também se mostram. O ato de ver, implica, necessariamente, em ser visto - mas aquele que vê, e é visto, ao mesmo tempo em que enxerga o terceiro, pode enxergar a si mesmo. Conforme MERLEAU-PONTY (1975b, p.278),

o enigma reside nisto: **meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível** [grifo nosso]. Ele, que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer no que está vendo então o ‘outro lado’ do seu poder vidente. Ele se vê vidente, toca-se tateante, é visível e sensível por si mesmo. É um si, (...) mas um si por confusão, por narcisismo, por inerência daquele que vê naquilo que ele vê, daquele que toca naquilo que ele toca, do senciante no sentido - um si, portanto, que é tomado entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro...

O ser vidente - visível, que somos junto com nosso corpo, pode se avaliar, se ver enquanto simultaneamente é visto. Outrossim, retoma-se aqui o significado do corpo - sujeito, que é aquele que está no meio dos objetos, é visto e tocado, mas também vê e toca, inclusive e quase que principalmente, a si mesmo.

Há, contudo, uma necessidade veemente, do corpo próprio, em obter os olhares alheios, as visões - e opiniões - dos outros, no sentido de formar a sua própria; o olhar próprio não tem as mesmas facilidades, a sua visão não possui o mesmo acesso sequer o mesmo ângulo, que o olhar do outro para enxergar algumas particularidades do corpo próprio. Desta forma, falar que a imagem corporal é intercorporal adquire um novo sentido: o olho que me penetra, é absolutamente desejado; necessito ser olhado, tanto quanto preciso olhar, para construir a minha própria imagem corporal. SCHILDER (1980, p.189) afirma que “(...) o desejo de ser visto, de ser olhado, é tão inato quanto o desejo de ver. Há uma profunda ligação entre a imagem corporal do próprio indivíduo e a dos outros. Na construção da imagem corporal, há um teste constante para determinar o que pode ser incorporado ao corpo.”. Já MERLEAU-PONTY (1975b, p.282) coloca que “(...) o homem é o espelho para o outro homem”, ou seja, as informações sobre meu corpo advindas do olhar do outro são assim preciosas quanto as de um espelho - diferentes, conquanto que o olho que vê de fora, e é visto, a tudo vê com o seu olhar humano, não especular.

3.4.2 Ser é ser percebido - “esse est percipi”

“Esse corpo de lama que tu vês, é apenas a imagem do que sou; esse corpo de lama que tu vês, é apenas a imagem do que é tu” (Chico SCIENCE, 1996)

SCHILDER (1980) e MERLEAU-PONTY (1975b,1999) colocam claramente a importância das mãos e do tato na descoberta do corpo próprio. SCHILDER (1980) afirma que, para a parte do corpo que é tocada, as mãos representam um mundo externo. Não é outro o significado do corpo que “toca-se tateante”, de acordo com MERLEAU-PONTY (1975b).

Cabe porém ressaltar a absoluta importância que os autores que discutem a imagem corporal atribuem à **visão**. É através deste sentido, sobretudo, que a imagem corporal é construída. SCHILDER (1980) coloca inclusive a grande diferença entre a imagem das partes do corpo que podem ou não ser vistas.

É através da **visão** que incorporamos as atitudes dos corpos alheios, que se tornam parte de nosso próprio repertório de imagens e ações, constituintes da nossa auto-imagem corporal. A imagem corporal se estrutura nos contatos sociais através da **visão**. Segundo MAUSS (1974),

A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestada a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado a sua frente ou com ele pelos outros (p.215).

Ou seja, a composição normal da auto-imagem corporal é constituída por sensações advindas deste sentido. Ao ser imagem, ao sermos vistos, concomitantemente estamos vendo; no uso do olhar, na captação do mundo externo, dos outros, de suas imagens, atitudes, roupas, construímos a nossa auto-imagem;

vale dizer que a nossa imagem não é produto exclusivo da apropriação de imagens e atitudes corporais alheias, mas que estas nos enriquecem e somam-se as nossas próprias percepções.

Isto nos remete à questão essencial deste tópico: “ser visto vendo”. LUZ & LINS (1998), em uma série de ensaios sobre o pensamento do psicanalista inglês Winnicott, deixam claro que, para ele, a primeira modalidade da existência do ser é o **ser percebido** (LUZ & LINS, 1998, p.249). A criança, ao nascer, só existe através da imagem que os olhos da mãe passam para ela de si mesma. A criança é uma imagem, ou uma visibilidade, que se oferece ao olhar materno, o qual devolve esta imagem, reafirmando a sua existência. Desta forma, a existência não se comprova ou se testemunha, ela resulta de uma relação nítida, **uma relação do olhar** (LUZ & LINS, 1998, p.178). Ou, como querem os autores

Para Winnicott, na perspectiva de emergência de alguém que é capaz de experimentar o que quer dizer ‘eu sou eu mesmo’, ser é antes de tudo ser visto (...). Através da visão, vemo-nos a nós mesmos enquanto imagem que o outro nos envia e esse é o aspecto afirmativo da relação de olhar .

Neste sentido, o ser está no mundo quando o percebem; a imagem corporal, constitui-se e só existe quando o próprio corpo é percebido pelo outro como parte integrante do mundo. Na sequência do seu raciocínio, LUZ & LINS (1998, p.180) afirmam que

Nesse contexto, na tradição do pensamento inglês, Winnicott utiliza a sua maneira uma fórmula cara ao mais radical representante do empirismo idealista, cujo interesse concentrou-se na teoria da visão, o filósofo BERKELEY: **esse est percipi, ou ser é ser percebido**. Winnicott descreve dessa maneira o movimento de olhar o mundo, isto é, de criá-lo e ao mesmo tempo de vê-lo: **quando olho, sou visto, logo existo** [grifos nossos] (When I look, I am seen, so I exist). O cogito racionalista é substituído por uma experiência afetiva, cujo meio é a visão.

Chegamos pois ao cerne da questão. Antes de pensar em ser corpo - sujeito, para além do “penso logo existo”, a atleta precisa existir de fato, e sua existência se dará quando for vista - ao atuar esportivamente, ela e seu corpo, enquanto unidade de ação, são vistos e percebidos. Sem ter para quem se mostrar, este ser - atleta não tem mesmo razão de existir.

3.4.3 A imagem corporal da atleta de rendimento

*“Amo meu corpo, perguntai - me por quê:
porque belo e agradável o vejo” (Marguerite de
NAVARRE, 1629)*

Alguns estudos (KOLNES, 1995; MESSNER, 1988) indicam que, aparentemente inovadora, a presença feminina no esporte de alto nível sofre tamanha interferência dos padrões sexuais de gênero (o princípio da organização heterossexual, segundo KOLNES, 1995), que ao contrário do que parece, a mulher atleta vê-se obrigada - a fim de permanecer na mídia, e para obter resultados e patrocinadores, enfim, para ter sucesso no esporte - a reproduzir e a se conformar com ideologias patriarcais e mesmo com os modelos estereotipados de feminilidade, principalmente no que tange as suas imagens. Padrões do ‘belo sexo’ continuam plenamente em vigor. Assim, as relações homem/mulher/esporte permaneceriam imutáveis: as mulheres continuariam sendo focadas não pelas suas qualidades e habilidades esportivas, mas principalmente pelos seus quesitos imagéticos e “femininos” (beleza, charme, etc.); o público, apesar de querer performances esportivas talentosas, rápidas (as quais exigem mais força e destreza), identificaria as mulheres que as obtêm como “não - femininas”, forçando essas atletas a realçarem seus aspectos femininos antes, durante e depois da competição, deixando de lado muitas vezes os tópicos esportivos propriamente ditos, frustrando e desanimando as atletas que não querem ou não atingem os padrões de “feminilidade” exigidos pelo público e pela mídia.

KOLNES (1995) em um trabalho de pesquisa no qual realizou uma série de entrevistas com atletas de alto nível, pertencentes à equipes nacionais femininas

da Noruega, pode colher alguns depoimentos que apontavam nesta direção. Ela relatou genericamente os casos, e até citou o exemplo de uma velocista americana como paradigma desta situação:

Parece que quanto mais masculina uma atleta parece ser, maior é a demanda sobre ela para que seja uma jogadora de ponta. A competência e as 'evidências' heterossexuais tornam-se importantes para compensar as características menos 'femininas' (...). Como consequência, e para compensar os atributos menos 'femininos', algumas atletas de elite estão empenhadas em enfatizar os seus símbolos de feminilidade heterossexual. Elas se distanciam das imagens de masculinidade deixando os traços femininos mais explícitos (cabelos longos, por exemplo, conforme os depoimentos). (...) O que se vê é que as atletas que estão atuando em áreas mais ligadas à masculinidade [como o futebol] estão se submetendo a estratégias que possam provar a elas mesmas e aos outros que elas são de fato mulheres. (...) As evidências indicam que há uma tendência crescente para que as roupas esportivas erotizem, coisifiquem e sexualizem o corpo feminino. (...) A atleta mais famosa que conscientemente jogou com a sua feminilidade e a sua sexualidade foi sem dúvida alguma Florence Griffith Joyner, ou Flo - Jo. Ela não estava satisfeita em apenas enfatizar e deixar o seu gênero visível; ela o fazia supervisível através de suas roupas e outros efeitos que usava para sublinhar a sua identidade sexual. (KOLNES, 1995, p.66-7).

Como vemos, a questão do corpo da mulher - atleta permanece candente. Aliás, até pelo fato do esporte ser uma das instituições sociais mais focadas no corpo, e considerando a importância deste enquanto símbolo significante da sexualidade, a competição esportiva joga um importante papel na produção e reprodução simbólica de ideologias culturais e políticas, as quais estão ligadas indiscutivelmente às relações entre os sexos. Analisando a prática esportiva de alto nível, podemos ampliar respostas sobre algumas questões pertinentes. Socialmente, qual seria a percepção da participação feminina nos esportes? O esporte pode ser

um ponto de reversão (ou pelo contrário, de afirmação) da tradicional história de passividade e submissão da mulher em nossa sociedade? Ou está-se gerando apenas novos modelos para novos - e não tão novos assim - estereótipos? Enfim, qual é de fato o conteúdo da relação mulher/esporte de alto nível nos dias que correm na sociedade brasileira?

Vimos que a atleta no esporte moderno é essencialmente uma personagem produtora de rendimento a partir de suas manifestações ou **expressividade corporal**. Esta é uma das características da imagem proporcionada pelo corpo feminino no cenário esportivo; não se pode ignorar que a participação feminina no esporte de rendimento ainda é questionada e analisada através dos valores masculinos predominantemente inseridos na sociedade. É interessante observar, conforme SIMÕES (1995), que as mulheres, numericamente, detêm atualmente grande parcela do poder e do saber científico anteriormente reservados aos homens, com participação muitas vezes em igualdade de condições nos chamados redutos masculinos, sejam estes o mundo dos negócios, as profissões liberais, a mídia e mesmo o esporte. Como um dos sistemas dominantes, o esporte para as mulheres pode ser um modelo de afirmação da tradicional história de passividade e submissão delas em sociedade - ou, ao contrário, pode ser um elemento decisivo na luta pela autonomia do feminino no mundo contemporâneo - como alguns exemplos históricos colocados na 1ª parte deste trabalho para ilustrar esta situação. Porém, ao colocar desafios de competição, e exigências de performance, o esporte ao mesmo tempo atira às mulheres a necessidade de transformarem seus **corpos**, muitas vezes sem questionamentos ou mesmo compreensão dos processos anátomo - biológicos envolvidos nestas modificações, tudo em nome da participação - e aceitação - no grande espetáculo de mídia, sobretudo televisionada - característica primordial do esporte atual.

Aliás, o mesmo estudo de KOLNES (1995) revela ainda, através de depoimentos, que a respeito da mídia, as atletas colocam que "(...) em relação a ela também leva vantagem quem é mais feminina, (...) a mídia seleciona aquelas que jogam bem mas também que são bonitas" (KOLNES, 1995, p.69).

Ora, a expressividade do esporte é tão marcante na mídia, suas imagens são tão fortes e amplamente exploradas, seja na TV, no cinema ou nas fotos dos

jornais diários, que este processo acaba por gerar, produzir e reproduzir conceitos que são “atirados” à sociedade cotidianamente. Dentre estes conceitos, as **imagens corporais** das atletas evidentemente têm um papel decisivo na construção de uma identidade corporal destas no imaginário coletivo.

Assim, uma das características do corpo atlético feminino é, sem dúvida, a maneira como o “mundo” dos esportes observa e interpreta seus corpos - já vimos que, segundo vários autores (COCA, 1993; GUTHRIE & CASTELNUOVO, 1994; LUZ & LINS, 1998; MERLEAU-PONTY, 1999; SCHILDER, 1980), a **imagem corporal** é antes de tudo **intercorporal**; o “eu corpóreo” e o próprio ser só existem de fato quando passam a ser **vistos** e **percebidos** pelo outro.

O corpo é um “ente” que enxerga a si e aos outros, mas ao mesmo tempo é visto e enxergado. Assim, a auto-imagem atlética de uma esportista de rendimento só é definida na medida em que esta se relaciona com os outros, e o público em geral. Para conhecer e se reconhecer no seu corpo - instrumento de trabalho primordial para o seu rendimento esportivo - a atleta necessita do outro, alguém que a veja, que enxergue aquilo que a sua visão não capta deste objeto de trabalho - o corpo - o qual simultaneamente é o seu sujeito de ação.

Desta forma, a atleta, ao condicionar o seu corpo às exigências do rendimento esportivo, e ao exhibir este corpo publicamente, realiza um movimento dialético: influencia e talvez até “forme” opiniões a respeito da imagem corporal da atleta - mas concomitantemente a sua auto-imagem corporal também é “formada” pelos emissores destas opiniões. A trama pode desembocar muitas vezes num questionamento sobre a participação no mundo esportivo - aonde a chave é a própria imagem corporal da atleta, ícone que permeia a sua aproximação, ou distanciamento, deste meio.

Já vimos acima como o corpo da mulher - atleta, e a sua própria performance no mundo esportivo, são quase que invariavelmente julgados por outros padrões que não aqueles condizentes com a atividade em questão: as mulheres passam a ser julgadas não só pelos seus talentos esportivos, mas também pelo seu estado civil, sexualidade, moralidade e atributos físicos. Segundo VERTINSKY (1994),

práticas discriminatórias contra a mulher no esporte continuam a ser justificadas pela alegação de que existem limitações biológicas na capacidade da mulher obter performance no esporte de alto nível, e que o esporte competitivo é inerentemente problemático para a mulher, enquanto que é benéfico para o homem (p.78-9).

3.4.3.1 A imagem corporal das atletas de handebol.

3.4.3.1.1 A especificidade da atividade

O handebol é um esporte coletivo com a presença de adversários, que, portanto, possui características comuns a este tipo de modalidade, e algumas diferenças marcantes (SANCHEZ, 1992) que lhe conferem as suas *especificidades*.

Como esporte de rendimento, o handebol é jogado com regras semelhantes tanto na sua vertente masculina quanto feminina. A única diferença entre os gêneros nas regras do handebol refere-se ao tamanho da **bola**: para os homens, a bola é maior e mais pesada do que para as mulheres (ver TABELA 2).

TABELA 2 - Diferença do tamanho e peso da bola entre masculino e feminino no handebol de alto rendimento.

CATEGORIA	CIRCUNFERÊNCIA	PESO	TAMANHO
MASCULINO	58 a 60 cm	425 a 475 g	3
FEMININO	54 a 56 cm	325 a 400 g	2

As dimensões da **bola** no handebol diante de outras modalidades (basquetebol por exemplo), em conjunto com as suas regras, já lhe conferem a sua primeira especificidade: esta bola pode ser manejada facilmente com apenas uma das mãos por ambos os sexos.

O tamanho da quadra, um retângulo de 40x20m permite, devido às características da bola, que se possa jogá-la diretamente de uma extremidade a

outra da quadra, com apenas um passe. Esta característica imprime uma grande velocidade ao jogo (SANCHEZ, 1992).

Existe uma área de gol que a princípio só pode ser usada pelos goleiros; uma partida no alto rendimento possui dois tempos iguais de 30 minutos, com um intervalo entre eles de 10 minutos.

Na quadra, as equipes são compostas por **sete atletas** (sendo um como goleiro), os quais se distribuem por postos específicos de ataque ou defesa durante o jogo; uma equipe se completa com outros cinco jogadores, reservas, os quais podem substituir os que estão na quadra, bem como serem substituídos sem nenhum limite quanto ao número de vezes destas trocas.

Dadas as dimensões da **quadra**, as características da **bola** (pode ser segura com apenas uma das mãos, e também pode ser driblada facilmente) o total de **atletas** em quadra (14) e a singularidade de, em uma parte da quadra - a área do goleiro - ser proibida a permanência, o handebol se caracteriza também por ser um jogo em que o **contato físico** é muito intenso; suas regras (sobretudo a de n.º 08, “conduta para com o adversário”) estabelecem o que é permitido ou proibido neste **contato físico**: elas determinam que somente pode se encostar no adversário com o tronco, sem as mãos; estas só podem tocar momentaneamente ao adversário, porém apenas se os braços estiverem flexionados; empurrões e outros golpes são punidos com advertências, exclusões da quadra de jogo, desqualificações e expulsões.

O objetivo final do jogo é a marcação do gol; porém, a prática demonstra que há um objetivo prévio a este, qual seja, o de se conseguir uma posição e uma situação tal, que facilitem a marcação daquele gol. Deste modo, o jogo se caracteriza por uma intensa **luta** no sentido de se conseguir esta posição favorável, ou, no caso da defesa, de se impedir que se consiga aquela posição. Esta luta entre **oponentes** pelo espaço, que é a característica do jogo, é feita dentro de um quadro de grande **contato físico** (SANCHEZ, 1992).

Como todo e qualquer esporte coletivo com a presença de adversários, o handebol engendra um quadro de relações sociais de cooperação, solidariedade e oposição: quanto mais forte e melhor o meu adversário, mais eu dependo do conjunto do meu esforço com aquele dos meus colegas de equipe para superá-lo.

Aliado a isto, some-se uma quantidade de desenvolvimento físico, de habilidades motoras, de capacidades cognitivas, e teremos uma atleta de handebol.

3.4.3.1.2 O corpo da atleta de handebol

Ao efetivar uma conduta esportiva, o corpo faz a síntese do movimento com o ser; como o corpo se instala no espaço e no tempo, e permite a atuação da atleta no mundo esportivo, lugar de sua existência, **este corpo é ela no mundo**. (BAYER, 1974).

Deve-se salientar, entretanto, que não estamos abordando o corpo físico (“metabólico”, como dito acima), mas sim o corpo fenomenal, como a atleta o vive, o qual portanto possui uma experiência íntima. Esta corporeidade, essência da relação do ser com o mundo, **particulariza a presença** da atleta (BAYER, 1974).

BAYER (1974) encontrou que existem traços de personalidade estatisticamente significantes entre atletas de handebol, como a **agressividade e a expressividade**, os quais poderiam inclusive ser determinantes na escolha da atividade.

Em termos corporais, a forma como cada atleta vive o jogo é restrita pelo quadro institucional dos regulamentos e regras da modalidade. Conforme BAYER (1974, p.54), este quadro

(...) reduz consideravelmente as possibilidades expressivas do indivíduo, coloca freios na sua espontaneidade de jogador submetido de uma forma coercitiva ao respeito destas normas inerentes à prática do handebol. Esta gestualidade controlada revela um modo habitual de ser no mundo.

Este mesmo quadro institucional regrado, que permite que a atleta detenha a bola em **uma ou ambas as mãos** durante três segundos, e que também lhe possibilita manter a posse da bola enquanto a dribla, faz com que a **mão** seja uma parte do corpo muito importante no handebol. Esta mesma **mão** é também absolutamente utilizada no trabalho de defesa, conquanto lhe é permitida o contato momentâneo com a adversária.

O objetivo primeiro do jogo, que é o de fazer gols arremessando a bola contra as traves defendidas por uma goleira, fazem com que os **braços** das atletas sejam outra parte do corpo muito visada, devendo se tornar fortes e potentes para uma melhor consecução deste objetivo.

No intento de, como vimos acima, conseguir uma melhor posição que lhe facilite o arremesso ao gol, enfim, no afã de lutar por espaços privilegiados, a atleta necessita de **pernas** fortes e potentes que lhe permitam atuar com velocidade na quadra. Aliás, tudo em seu corpo que lhe possa permitir ter características **velozes** é treinado e bem-vindo.

É este corpo, com suas necessidades, vicissitudes e características básicas demandadas pela atividade esportiva que pratica; é este corpo que se movimenta incessantemente no quadro de uma partida de alta tensão cujo resultado é absolutamente desconhecido, e construído a cada segundo, a cada gol, a cada passe certo e arremesso errado; este corpo, que sem dúvida alguma **percebe e é percebido** quando da sua prática esportiva na quadra, é o corpo da atleta de handebol de alto nível, do qual procuraremos pesquisar a **auto-imagem**.

Cabe aqui ressaltar que não foram encontrados na literatura especializada estudos específicos sobre a imagem corporal das atletas de handebol.

4 METODOLOGIA

4.1 Hipóteses

Conforme os objetivos da pesquisa foram formuladas as seguintes hipóteses:

- a) Não existem diferenças significantes entre a imagem corporal real e a imagem corporal ideal das atletas;

4.2 Delimitação do estudo

O presente estudo restringiu-se à análise da avaliação da imagem corporal real e idealizada que 156 atletas da elite do handebol brasileiro fazem de si próprias. Não foram levadas em consideração possíveis diferenças sócio-econômicas, político-ideológicas ou de crenças religiosas e pessoais, que pudessem interferir na percepção da auto-imagem corporal.

4.3 Coleta de dados

Os dados foram coletados durante duas das mais importantes competições femininas de handebol no Brasil:

- A Copa do Brasil do ano de 2000, a segunda competição mais importante do país na categoria adulta feminina, que reúne as 08 melhores equipes do Brasil;
- O Campeonato Brasileiro Júnior de 2000, o qual congrega as 08 melhores equipes da categoria (18-20 anos) no país.

4.4 Instrumento

Para ZINN (1985), que realizou um estudo de comparação da imagem corporal entre crianças normais e aquelas com deficiências motoras, existe uma lacuna de informações e pesquisas sobre imagem corporal, talvez devido à conceituação de imagem corporal como um fenômeno psicossocial, físico e fisiológico, o que dificulta a sua mensuração e avaliação. A autora lista uma série de técnicas desenvolvidas para se mensurar a imagem corporal, como **questionários com escalas** [grifo nosso], desenho da figura humana⁸, reunião de partes do corpo, testes de imitação corporal e a identificação das partes do corpo.

⁸ Uma crítica a esta técnica pode ser encontrada no trabalho de ZINN (1985), às páginas 28-31.

Segundo GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), devido ao caráter multidimensional e multifacetado da imagem corporal - que cria problemas para definição e mensuração - esta não tem sido muito estudada.

Desta forma, optamos neste estudo por avaliar a imagem corporal das atletas através de um questionário com escalas, o que nos permitiu realizar uma pesquisa extensa, com 156 atletas, e também nos deu condições de identificar três dimensões para a análise da imagem corporal – o *self* estético, o *self* público e o autoconceito corporal.

O instrumento utilizado neste estudo foi o inventário denominado “Imagem corporal das atletas de handebol de alto nível”, baseado e adaptado de um método já existente, o **“DOUDLAH BODY - IMAGE STATEMENTS”** (DOUDLAH, 1962), o qual foi construído com o objetivo de mensurar a imagem corporal de garotas estudantes de ensino médio nos Estados Unidos. Ele compara a auto-imagem corporal que a pessoa possui (imagem real), com aquela que ela gostaria de possuir (imagem ideal).

Este embasamento inicial e posterior adaptação foram necessários pois, dada as características do objeto deste estudo, era importante ter como base um instrumento já validado anteriormente.

Primeiramente, foi feita uma tradução do instrumento por profissional devidamente credenciado, e várias adaptações foram efetuadas - como diminuição do número de questões, aproximação destas à realidade da modalidade - no sentido de formatar um inventário amplo o suficiente para que pudesse atingir algumas dimensões relevantes para a constituição da imagem corporal das atletas.

Este instrumento foi revisado por profissionais da área esportiva e psicológica.

Metodologicamente, o instrumento foi dividido em duas partes (ver ANEXOS I e II):

- Primeira parte - Caracteriza a amostra do estudo, fazendo um levantamento de dados sociais e esportivos da vida da atleta (questões 1 - 11)

- Segunda parte - Avaliação da imagem corporal (frases de 1 a 65), a qual foi subdivida em outras duas partes, sendo a primeira a avaliação da **imagem real**, e a segunda, a avaliação da **imagem ideal**.

4.5 Procedimento

Anteriormente à aplicação do inventário nos sujeitos da amostra, houve a sua aplicação em duas equipes (que não fizeram parte desta amostra), cada qual com 20 atletas, como caráter exploratório, de modo a verificar o tempo de aplicação do mesmo, bem como possíveis dúvidas no seu preenchimento.

Posteriormente a esta aplicação, houve um estudo piloto com a participação de 30 atletas de alto rendimento, com média de idade de 21 anos, as quais fazem parte desta amostra.

Ainda, na utilização do instrumento foram tomadas as seguintes providências metodológicas:

- a) Apresentação da proposta à comissão técnica, para expor o objetivo do trabalho;
- b) a aplicação ocorreu ou durante treinamentos preparatórios para as competições, ou na própria semana das competições, em momentos de folga das atletas, e nenhum questionário foi invalidado;
- c) exposição e explicação detalhada do modo de preencher o questionário, sendo que a coleta de dados foi pessoalmente realizada pelo autor;
- d) as frases para avaliação foram apresentadas em forma de tiras de papel, e não no formato de 65 afirmações ordenadas; desta forma (ANEXO II), a atleta recebia um envelope com 65 tiras de papel, cada qual com uma frase para quantificar, o que nos pareceu um método mais lúdico e menos cansativo para as atletas, no momento do preenchimento dos questionários (este é um dos procedimentos adotados originalmente na aplicação do questionário);
- e) As atletas foram solicitadas a quantificar as frases inicialmente de acordo com a auto-imagem corporal **real** que possuísem referentes a cada questão, assinalando a nota correspondente nas folhas de resposta brancas; num segundo

momento, a proceder a mesma avaliação em relação a sua imagem corporal **ideal**, marcando a resposta nas folhas rosas. (ANEXO III).

4.6 Amostra

Participaram deste estudo 156 atletas de handebol de alto rendimento, com média de idade de 20,26 anos (mín=14, máx=33, dp=4,23), pertencentes a equipes que competiram no Campeonato Brasileiro Júnior Feminino de Handebol de 2000 (até 20 anos), ou atletas das equipes que disputaram a Copa do Brasil Feminina de Handebol de 2000 (categoria adulta). Estas equipes são provenientes de cidades do Estado de São Paulo (Guarulhos, Jundiaí, São Bernardo do Campo), do Estado do Rio de Janeiro (São Gonçalo, Rio de Janeiro), de Brasília (DF) e do Estado de Santa Catarina (Blumenau).

4.6.1 Caracterização geral da amostra

Estes dados referem-se à primeira parte do questionário (questões 1 a 11).

Como mencionado acima, a faixa etária desta amostra possui uma grande extensão, indo de 14 até 33 anos, com média de 20,26 (dp=4,23). A maior parte das atletas (95, ou 61%) possui entre 17 e 20 anos (ou seja, têm idade de atletas juvenis e juniores; com idade acima de 20 anos, (isto é, idade para competir apenas na categoria adulta), encontramos 49 atletas (31,4% da amostra total). Se por um lado a 'juventude' da amostra é dada pelo fato da pesquisa ter sido realizada em equipes juniores, que se utilizam de atletas de categorias menores (juvenis, cadetes, e neste caso até de uma infantil, aquela única de 14 anos), podemos perceber que mesmo as equipes adultas são formadas por muitas atletas de categorias menores, juniores e juvenis – uma das equipes pesquisadas, que disputou a Copa do Brasil adulta, possuía apenas uma atleta acima de 20 anos – o que evidencia que o handebol feminino de alto nível no Brasil vem sendo disputado por atletas jovens.

Encontramos também apenas oito jogadoras (5,1% do total) com mais de 30 anos; em países aonde a prática do handebol feminino é mais ampla, jogadoras acima de 30 anos são um fato bastante comum.

FIGURA 1 – Distribuição da amostra (%) por idade cronológica.

A esmagadora maioria desta amostra (97,4%) é composta por atletas solteiras; são 152 solteiras, duas casadas (1,3%) e duas separadas (1,3%). Poderíamos inferir que a prática esportiva em alto nível de competição prejudica a vida amorosa; porém, se levarmos em consideração o dado anterior, referente à idade cronológica que o grupo apresenta (uma faixa etária bem jovem, com média de 20,26 e a maior parte (61%) delas com idades entre 17 e 20 anos, dificilmente poderíamos tecer tal afirmação peremptoriamente. Provavelmente, o grupo, por ser jovem, está “ainda” numa situação de ‘solteirice’.

FIGURA 2 – Distribuição da amostra (%) por estado civil.

O dado seguinte é referente à questão “qual o grau mais elevado de escolaridade que você completou?”. Podemos perceber que temos uma amostra com um bom grau de escolarização em face da média da população brasileira⁹. Há 100 atletas (64,1% da amostra) com no mínimo o ensino médio completo; outras 24 (15,4%) com o curso superior completo, e temos ainda cinco atletas (3,2%) com pós – graduação. Somando-se estas àquelas que concluíram o ensino fundamental, temos que 99,6% da nossa amostra (155 atletas) possui no mínimo oito anos de estudo formal. Provavelmente este alto grau de escolarização se dê pelo incentivo e

facilidades que são fornecidos às atletas para estudarem: muitas equipes são patrocinadas por escolas e faculdades de suas cidades, as quais apóiam o esporte e fornecem bolsas de estudos para que as atletas possam seguir a sua escolarização; em troca disso, na época de torneios escolares e universitários, estas atletas compõem as equipes destas instituições, as quais têm no esporte um de seus veículos mais fortes de propaganda institucional

FIGURA 3 – Distribuição da amostra (%) por escolaridade.

Obtivemos 138 respostas (88,5% do total) à pergunta relacionada ao tempo de disputa da modalidade, e observamos que, em média, estas atletas competem a 6,26 anos, e que 70,4% destas (97 atletas) já atua em competições federadas há no mínimo cinco anos, o que indica um grau de experiência boa e ótima para estas atletas, principalmente se levarmos em consideração a sua média etária. A leitura do gráfico da FIGURA 4 nos indica que 48% desta amostragem (48 atletas),

⁹ De acordo com a “Sinopse estatística do ensino regular no Brasil” de 1998, publicada pelo MEC/INEP, 5 anos é a média de escolarização da população brasileira. Dados disponíveis no site www.mec.gov.br

possui sete ou mais anos de prática federada da modalidade, o que BAYER (1974: 52) considera como um tempo ideal para a atleta adquirir excelentes condições técnicas, táticas e físicas para a prática do handebol.

FIGURA 4 – Distribuição da amostra (%) por tempo de disputa da modalidade.

O próximo item desta primeira parte do questionário refere-se ao tempo em que a atleta se encontra competindo por aquela equipe especificamente. Das 145 respostas (92,9% do total), que obtivemos, observamos que, em média, as atletas competem a 4,17 anos pela mesma equipe; porém, 26,9% (39 atletas) estão na equipe há apenas um ano. Por um lado, isto já indica um grau de mobilidade (contratações, transferências) na modalidade, e também indica a existência de novas equipes formadas neste período, já preocupadas e em condições de disputar o alto nível na modalidade. Se tomarmos como base a média de atuação pela mesma

equipe (≥ 4 anos), veremos que um pouco mais da metade das atletas (50,4%, 73 atletas) está há três anos ou menos na mesma equipe, e um pouco menos da metade (49,6%, 72 atletas), se mantêm na mesma equipe há quatro anos ou mais. Isto indica novamente, uma mobilidade razoável na modalidade, com transferências e mudanças de equipes, e novas equipes surgindo.

FIGURA 5 – Distribuição da amostra (%) pelo tempo de permanência na atual equipe.

Em relação às categorias em que estas atletas disputam, obtivemos 100% de respostas, nas quais podemos notar que uma grande parte de nossa amostra, 35,9% (56 atletas) já compete exclusivamente pela categoria adulta. Porém, somente sete atletas (4,5%) competem apenas na categoria júnior – isto apesar de termos recolhido metade da amostra em uma competição desta categoria. Por outro lado, temos 59,7% da amostra (93 atletas) competindo em duas ou três categorias, como mostra a FIGURA 6: 27 destas (17,3%) estão competindo nas categorias juvenil e júnior; 33 atletas (21,2%) estão disputando as categorias júnior e adulta, e há outras 33 cuja idade as facultava a disputa nas categorias juvenil e júnior, e elas efetivamente

competem nestas três categorias. Isto comprova alguns fatos muito corriqueiros no handebol brasileiro: a profissionalização precoce - atletas de categoria júnior e juvenil atuando já em categorias adultas - e o acúmulo de funções das atletas, que acabam jogando nos times correspondentes as suas idades (juvenil ou júnior, por exemplo) e também nas categorias mais avançadas (júnior e/ou adulta), enfrentando disputas com atletas de idade superior.

FIGURA 6 – Distribuição da amostra (%) por categorias de atuação.

A FIGURA 7 aponta os diversos níveis geográficos de competição pelos quais as atletas de nossa amostra passaram. Pelos dados, podemos perceber que há um elevado índice de atletas no handebol de alto nível feminino no Brasil que possui experiência internacional, pelo menos em nível sul-americano: 42,7% (67 atletas) já competiram ao menos nesse nível, sendo que 31 (20%) atletas competiram em nível pan-americano, e 41 atletas (26,4%) competiram em nível mundial.

FIGURA 7 – Distribuição da amostra (%) pelos níveis geográficos já disputados.

A FIGURA 8 nos traz a participação das atletas em selecionados nacionais, e nos mostra que 41% (64) das atletas que participaram desta pesquisa já participaram de alguma seleção brasileira em determinada categoria. Obviamente, estas atletas selecionáveis estão compondo as equipes de ponta do handebol brasileiro, que competem nacionalmente.

FIGURA 8 – Distribuição da amostra (%) relativa à participação em selecionados nacionais.

As 64 atletas que já participaram de seleções brasileiras encontram-se distribuídas da seguinte forma: são oito atletas (5,1% do total) que participaram de seleções somente na categoria cadete (até 16 anos); há quatro atletas (2,6% do total) que foram convocadas somente para a seleção juvenil (até 18 anos); sete atletas (4,5% do total) que participaram exclusivamente da seleção júnior (até 20 anos de idade), e 10 atletas (6,4% do total da amostra), que competiram apenas na seleção brasileira adulta (idade livre). Há 35 casos em que a atleta foi convocada para seleções nacionais em duas ou mais categorias: temos sete (4,5%) que já participaram de seleções nas categorias cadete e juvenil; outras sete que foram convocadas e competiram pelas seleções das categorias juvenil e júnior; 11 das

atletas de nossa amostra (7,1% do total) atuaram na seleção brasileira nas categorias júnior e principal; temos quatro casos (2,6% do total) de atletas que já competiram em três categorias (juvenil, júnior e principal) por seleções brasileiras; e um único caso (0,6% do total), de uma 'craque', que sempre foi convocada e competiu pela seleção brasileira em todas as categorias em que isso é possível.

FIGURA 9 – Distribuição da amostra (%) pelo número de categorias em que a atleta participou de seleções brasileiras.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da segunda parte do inventário, aquela que propunha que as atletas avaliassem e quantificassem as proposições primeiramente no nível real, e posteriormente em nível ideal, foi feita em duas partes. Na primeira analisamos o resultado do teste da hipótese no questionário como um todo (“resultados gerais”), procurando refletir sobre os casos aonde a hipótese nula era rejeitada, isto é, sobre cada par de respostas (real/ideal) aonde houve uma diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre a imagem corporal real e aquela ideal; a segunda análise reflete algumas dimensões (*self* público, *self* estético e autoconceito corporal) da imagem corporal que se destacam no inventário em questão.

No tratamento estatístico do inventário, empregou-se uma análise paramétrica, pois se tratava de dados numéricos, que comparavam os graus (notas) que as atletas atribuíam a cada questão (HOWEL, 1992). Com este procedimento foi possível analisar cada par de questões - o aspecto real e aquele ideal - para cada uma das 65 proposições feitas.

Os dados foram tabulados e organizados em planilhas eletrônicas tipo Excel, e o tratamento feito através **de um teste T para amostras em pares**, por meio do software SPSS 7.5 (*Statistical Package for Social Sciences*).

5.1 Resultados gerais

Ao observarmos os dados da análise estatística realizada, percebemos que a primeira hipótese nula deste estudo (a ausência de diferenças estatisticamente significantes entre a imagem corporal real e ideal das atletas) foi rejeitada na maior parte das proposições feitas às atletas. Ou seja, das 65 afirmações propostas, houve diferenças estatisticamente significantes quanto às respostas do que elas enxergavam na realidade sobre os seus corpos, e daquilo que elas pretendiam ser idealmente em 35, ou $\cong 54\%$ das proposições. E mesmo naquelas aonde as diferenças não foram significantes estatisticamente ($p < 0,05$), isto é, 30 frases

($\cong 46\%$), apresentam dados que podem ampliar a discussão sobre o que estas atletas pensam e vêem em seus corpos.

Já na 1ª proposição feita às atletas (“gosto que tirem fotografias de mim”), em que $t(155)=4,528$, com desvio padrão (dp)=2,79 e $p=0,000$, encontramos diferenças estatisticamente significantes. A média real (mr) das notas é $\cong 6,0$; já a média ideal (mi) é $\cong 7,0$ – um ponto em média mais alto. Ora, ser fotografada é aparecer, mostrar o corpo, e é isto que as atletas desejam idealmente, gostariam bastante de serem fotografadas, serem mostradas corporalmente, aparecerem visualmente para os outros. Foi COCA (1993, p.49) quem afirmou que “sem ter a quem se apresentar, o gesto do homem esportivo seria solitário, vazio. (...) a realidade do meu corpo existe e toma formas em função de como ela é vivida pelos outros”. Ou seja, as “mulheres esportivas” também querem ser vistas, ser fotografadas, aparecer para os demais.

As atletas desta mostra também gostam de se “mostrar para si mesmas”: na questão nº 8 (“gosto de me olhar no espelho”), $t(152)=2,896$, $p=0,004$, em que houve uma diferença estatisticamente significativa, as atletas dizem que gostam de se olhar no espelho, pois dão uma nota em média alta na realidade ($mr=7,33$, $dp=2,14$), mas idealmente prefeririam se olhar mais ainda ($mi=7,84$, $dp=1,94$). Este “chegar-se”, o conhecimento da própria aparência é, segundo SCHILDER (1980) um dos elementos mais importantes na constituição da própria imagem corporal.

Nosso corpo não é, de modo algum, mais conhecido do que os corpos alheios. Se assim não fosse, não precisaríamos utilizar tanto o espelho. O interesse que temos por espelhos é a expressão (...) da insuficiência dos dados imediatos, da necessidade de estruturar a imagem de nosso corpo num esforço construtivo contínuo (p.236).

Para MERLEAU-PONTY (1975b), o espelho ajuda a revelar o corpo que não se vê completamente, “o espelho surgiu no circuito aberto do corpo vidente ao corpo visível” (p.282). O espelho existe, e ajuda na percepção do ser e de sua imagem corporal porque somos a um só tempo videntes – visíveis: “Graças a ele

[espelho], o meu exterior se completa” (p.282). Isto posto, percebemos que as atletas, como foi dito acima, não apenas ‘gostam’ de se olhar no espelho, elas **precisam** se olhar, para compor a sua imagem corporal contínua e incessantemente.

Encontramos também diferenças estatisticamente significantes nas afirmações 3, 13 e 55. Para a afirmação 3 (“sapatos de salto alto deixam as minhas pernas mais bonitas”), as estatísticas foram $t(153)=6,385$, $p=0,000$. Para a afirmação 13 (“preocupo-me com a forma das minhas pernas”), $t(152)=-4,185$, $p=0,000$; para a questão 55 (“tenho coxas grossas”) $t(150)=0,019$, $p=0,019$.

Estas três afirmativas possuem uma característica em comum: todas, de forma direta, referem-se às **pernas das atletas**, parte do corpo que, como foi dito anteriormente, é absolutamente necessária para a prática do handebol olímpico - é preciso ser veloz, ter impulsão e ocupar rapidamente, e em primeiro lugar, os principais espaços da quadra. Nossas atletas estão realmente preocupadas com suas pernas: as médias das notas que atribuíram a estas afirmações (na questão 3 $mr=5,68$, $dp=3,04$; $mi=7,20$, $dp=2,49$; na afirmação 13, $mr=7,68$, $dp=2,27$; $mi=6,80$, $dp=2,81$; na questão 55, $mr=6,64$, $dp=2,44$; $mi=7,23$, $dp=2,10$) demonstram isso claramente.

Caso esta discussão sobre as **pernas** seja ampliada para algumas afirmações que tratam desta parte do corpo de forma indireta, sem mencioná-la textualmente, é possível permanecer na mesma linha de raciocínio, que mostra a importância especial que as pernas têm para as atletas de handebol - muito para além do óbvio (sem pernas ninguém joga¹⁰), elas simbolizam poder, força, potência, e beleza.

Vem bem a propósito as diferenças estatisticamente significantes que ocorreram para as respostas “real e ideal”, nas proposições 52 (“fico bem de shorts”), $t(153)=3,818$, $p=0,000$, e na de n.º 56 (“fico bem de maiô”), $t(151)=8,053$, $p=0,00$. Para a resposta 52 tivemos $mr=7,36$, $dp=2,02$, $mi=8,13$, $dp=1,95$; na questão 56, $mr=5,74$, $dp=2,67$; $mi=7,59$, $dp=2,24$ – para a resposta ideal desta última questão

¹⁰ Não se trata aqui, claro, de atletas com deficiências físicas que mesmo assim atuam até em nível mundial, em campeonatos específicos; apesar do handebol em cadeira de rodas ainda não ter sido introduzido na Paraolimpíada.

obtivemos quase a nota máxima! Ou seja, “ficar bem” com estas peças de roupa, o short e o maiô, significa claramente poder mostrar as **pernas** – e o próprio corpo – sem algum constrangimento, o que é muito desejado por elas idealmente. Sobretudo no caso dos shorts, peça que as atletas quase sempre utilizam em competições, na frente do público, na televisão.

Este desejo parece aumentar mais atualmente, devido à existência de um novo uniforme esportivo feminino, o “macaquinho” colado ao corpo, o qual vem chamando muito a atenção para o corpo das atletas. Há modalidades, como o voleibol, em que a federação internacional tentou exigir que as atletas usassem essas vestimentas especiais e sensuais, para que o jogo ganhasse maior capacidade de atração de público... Segundo MOURÃO (1998), a emancipação esportiva da mulher brasileira é um processo lento que “conta com o apoio velado ou aberto dos homens mais esclarecidos na nossa sociedade, mas com um **controle normativo** [grifo nosso] que insere a mulher nesta prática sem possibilitar-lhe uma emancipação para a prática de atividades físico-desportivas” (p.9). Assim, talvez o uso destes uniformes colantes, ‘sensuais’, desenhados por “especialistas em marketing” tenha se tornado uma norma nova mas nem por isso diferente, imposta de fora e a pressionar as mulheres, limitando ou inibindo o seu desempenho esportivo; a versão contemporânea do uso de uma outra roupa colante e que marcava e pressionava o corpo da mulher: o espartilho. Segundo MOURÃO (1998), na segunda metade do século XVIII, o uso do espartilho tornou-se elemento obrigatório para a ‘correção’ das mulheres burguesas, por imposição médico-pedagógica, o que limitava o corpo feminino a um simples “receptáculo passivo de desenhos impostos exteriormente e silenciosamente” (p.58). Ou atualmente, de desejos impostos do exterior porém nada silenciosos...

Outras questões que apresentaram diferenças estatisticamente significantes do ponto de vista das atletas sobre sua imagem corporal real e ideal, e que podem nos fazer perceber pontos importantes sobre esta imagem foram: a questão n.º 32 (“tenho dificuldades em controlar o peso”), $t(153) = -4,252$, $p=0,000$; a questão n.º 34 (“estou abaixo do peso”), $t(154)=7,274$, $p=0,000$; a questão n.º 37 (“geralmente estou acima do peso que imagino ter”), $t(152)=-5,346$, $p=0,000$; e a de

n.º 53 (“sinto-me gorda”), $t(152)=-5,717$, $dp=0,000$. Todas são afirmações que versam, direta ou indiretamente, sobre o **peso corporal**, preocupação constante de atletas de alto nível, mesmo que o handebol seja um esporte coletivo - e não se compare a modalidades como judô ou boxe, em que o peso define a categoria em que a atleta disputa a competição.

São conhecidos e públicos, aliás, nas modalidades coletivas, os casos de afastamentos de selecionados nacionais por excesso de peso. Ronaldinho Gaúcho, atacante da seleção brasileira de futebol, recentemente esteve envolvido em um rumoroso caso de corte de partida válida pelas eliminatórias da Copa do Mundo, por ter alguns quilos acima do recomendado pela comissão técnica. A seleção olímpica feminina de voleibol também afastou atletas da disputa de Sidney/2000 devido a excesso de peso.

Desta forma, mesmo se levando em conta a preocupação “normal” das mulheres com relação ao peso, a das atletas poderia ser considerada excessiva, considerando as peculiaridades de sua vida atlética e competitiva - e não podemos esquecer que a nossa amostra possui diversas atletas selecionáveis, as quais, na época de coleta de dados, também se preparavam para disputar uma vaga na equipe que representaria o país nos Jogos Olímpicos de Sidney.

BRANDÃO et al. (1999) afirmam que o peso corporal tem um papel preponderante na atribuição da imagem corporal real. SCULLY et al. (1998) mencionam recente pesquisa com 803 mulheres norte-americanas, na qual mais da metade relatou preocupação excessiva em perder peso. SCULLY et al. (1998) ainda relatam estudos que apontam o sofrimento de mulheres voltadas à performance de excelência, ao sentirem-se demasiadamente pressionadas a terem um peso baixo, ou a perderem peso.

Nas questões referentes ao seu peso corporal, notamos que a percepção real das atletas de nossa amostra é muito particular: elas não se sentem abaixo (afirmação 34, $mr=2,85$, $dp=2,49$) nem acima do peso (questão 37, $mr=4,46$, $dp=3,06$), tampouco percebem dificuldades em controlar o peso (afirmação 32, $mr=4,36$, $dp=2,96$) ou se sentem gordas (afirmação 53, $mr=3,99$, $dp=2,89$).

O que se nota, contudo, é que elas gostariam, idealmente, de *intensificar estas percepções*: quanto a se sentir gorda (afirmação 53, $mi=2,43$, $dp=2,50$) a

média ideal, menor que a real, mostra como elas, mesmo que afirmem no real que pouco se sentem assim, gostariam de se perceber “menos gordas” ainda; caso encontrem pouca dificuldade em controlar o peso, os dados da questão 32 ($mi=3,14$, $dp=2,83$) mostram que, idealmente, esta dificuldade deveria ser ainda menor.

Este grupo não gostaria de estar **abaixo do peso** (afirmação 34, $mi=4,93$, $dp=3,15$), percebendo talvez que isso atrapalharia o vigor atlético de seu corpo (como já foi dito, há muito contato físico no handebol, e pessoas leves demais podem estar em desvantagem quando de choques com “pesos pesados”); no entanto, o grupo também não quer estar **acima do peso** (afirmação 37, $mi=2,86$, $dp=3,06$).

Outras questões que apresentaram diferenças estatisticamente significantes entre a opinião sobre a imagem real que as atletas possuem de seu corpo, e aquela que idealmente gostariam de ter, são as de n.º 28 (“gosto de usar roupas justas”), $t(153)=2,661$, $p=0,009$; a de n.º 45 (“minhas medidas são bem proporcionais”), $t(152)=5,399$, $p=0,000$ e a de n.º 50 (“costumo vestir camisetas justas”), $t(153)=3,366$, $p=0,001$.

Em todas estas proposições, identificam-se características de vaidade e apreço pelo próprio corpo e sua beleza. Afinal, usa roupas e camisetas justas quem gosta de mostrar um corpo com medidas proporcionais. Se a média real aplicada pelas atletas foi alta (afirmação n.º 28, $mr=6,26$, $dp=2,56$; afirmação n.º 45 $mr=6,29$, $dp=3,72$; afirmação n.º 50, $mr=6,02$ e $dp=2,66$), tivemos médias para a imagem ideal ainda mais altas, próximas à nota máxima (n.º 28, $mi=8,07$, $dp=1,60$; n.º 45, $mi=7,99$, $dp=1,74$; n.º 50, $mi=6,76$, $dp=2,45$;). Realmente, se as atletas deste grupo já gostam de mostrar os seus corpos em roupas justas, num *mundo ideal* o fariam mais ainda. A atitude de considerar o corpo esteticamente, de exibi-lo, parece estar presente, e com força, no imaginário das atletas.

Aliás, algumas das imagens mais surpreendentes desta última Olimpíada do milênio, em Sidney (reproduzidas parcialmente pela revista VEJA ed. n.º 1666, 13/09/2000), são exatamente as fotos dos atletas das equipes Australianas (homens e mulheres) nus, exibindo os seus corpos atléticos e sensuais. Seguindo a “linha” do endeusamento do atleta moderno, as atletas pesquisadas também se envaidecem e gostam - e gostariam ainda mais, no “mundo ideal” - de mostrar os seus corpos torneados pelas práticas esportivas, em roupas justas e da moda. Moda esta que,

segundo LIPOVETSKY (1999), se aparece em diferentes esferas, é no vestuário que encontra o seu maior brilho, pois a vestimenta é o signo mais espetacular da afirmação do Eu no império da moda.

Outras afirmações em que ocorreram diferenças estatisticamente significantes entre o par real/ideal, levantam novamente a questão estética do corpo das atletas. As afirmações de n.º 20 (“tenho uma boa postura”) e n.º 21 (“tenho um bom porte”), respectivamente $t(151)=10,458$, $p=0,000$; $t(154)=6,933$, $p=0,00$ apresentam os seguintes dados em média: questão 20, $mr=6,21$, $dp=2,01$; $mi=8,19$, $dp=1,55$; questão 21, $mr=6,66$, $dp=2,28$; $mi=8,11$, $dp=1,68$. Observa-se que houve uma elevação das notas atribuídas ao ideal; as atletas, mesmo se sentindo bem com aspectos do corpo, querem melhorá-los, mostrando novamente a sua preocupação em ter um corpo que elas - e os outros - considerem esteticamente interessante, bonito.

No entanto, esta preocupação com a aparência até certo ponto parece incomodar as atletas. É o que se pode observar em duas afirmativas (n.º 49 e n.º 51) que também apresentaram diferenças estatisticamente significantes entre o par real/ideal. Na de n.º 49 (“realmente não me importo com a minha aparência”), $t(153)=3,610$, $p=0,000$, a média real é baixa ($mr=2,95$, $dp=2,74$), o que demonstra a grande preocupação das atletas neste quesito; já a média ideal ($mi=3,97$, $dp=3,15$) encontra-se próxima ao ponto de indiferença. Este sentimento, de um certo aborrecimento em relação ao excesso de preocupação com o corpo pode ser confirmado na afirmação n.º 51 (“raramente penso sobre o meu corpo”), $t(154)=6,222$, $p=0,000$. Vê-se pois que na realidade ($mr=2,70$, $dp=2,48$), as atletas se percebem pensando bastante no corpo, o que idealmente ($mi=4,34$, $dp=3,16$) não ocorreria, elas manifestam que agiriam quase que com indiferença em relação a este assunto.

Esta vontade de dar menos atenção à aparência corporal aparece novamente na questão nº 33 (“penso muito na minha aparência”) em que ocorre uma diferença significativa em nível estatístico entre o par real/ideal: $t(150)=-2,182$, $p=0,031$; a média real se apresenta mais alta ($mr=7,48$; $dp=2,10$) que a ideal ($mi=7,04$; $dp=2,44$), mostrando uma vontade declarada de se preocupar menos com a aparência. As atletas gostariam também de não dar tanta atenção à opinião alheia

sobre sua aparência: na questão 25 (“preocupo-me com a opinião dos outros sobre a minha aparência”), $t(154)=6,644$, a média real ($mr=5,61$, $dp=3,83$), que apresenta diferença significativa em relação à média ideal ($mi=3,83$, $dp=2,82$), mostra claramente que as atletas não gostariam (ou ao menos declaram isso), idealmente, de dar importância ao pensamento dos outros sobre a sua aparência.

Para ZINN (1985), a imagem corporal também é aquilo que a pessoa pensa da sua aparência física, e como ela pensa que os outros enxergam esta aparência. Assim, apesar deste desejo de se preocupar menos com a aparência, ao construírem a sua imagem corporal – essencial para o desenvolvimento do seu autoconceito (AKEL, 2000; GUTHRIE & CASTELNUOVO, 1994; SCHILDER, 1980; SCULLY et al., 1998; ZINN, 1985) – as atletas sem dúvida necessitam saber sobre e conhecer a sua aparência. E para tal, o outro é fundamental: Para MERLEAU-PONTY, (1975b), “o homem é espelho para outro homem” (p.283). Conforme SCHILDER (1980), existe um contínuo intercâmbio entre nossa própria imagem corporal e a imagem corporal dos outros. “O que encontramos em nós pode ser visto nos outros” (p.197). A descoberta de nosso próprio corpo, e da imagem corporal, passa pelo reconhecimento do outro. “Não devemos esquecer que descobrimos o nosso corpo através da observação dos corpos dos outros” (p.202).

Tanto é verdade, que em aparente contradição com o fato delas manifestarem o desejo de se preocuparem menos com a aparência, ou mesmo de não ligarem para o que os outros pensam, destacam-se as diferenças significantes que ocorrem na frase nº 57 (“gosto de falar sobre a minha aparência”): com um $t(152)$, $p=0,000$, a média do que elas pensam na realidade é menor daquilo que aconteceria idealmente ($mr=4,34$, $dp=2,47$; $mi=5,67$, $dp=2,81$). Há uma diferença média entre estas notas de 1,33: as atletas de handebol de alto nível gostariam de falar mais sobre a sua aparência física. Será que no mundo corporal dos esportes as atletas não possuem espaço para conversar sobre os próprios corpos e suas aparências? Por isso que esta contradição, como dito acima, é somente aparente: as atletas precisam pensar nos seus corpos e em suas aparências, para construírem inclusive sua imagem corporal e seu autoconceito. Segundo ZINN (1985), imagem corporal e autoconceito são dois importantes fatores que influenciam no desenvolvimento das pessoas; SECORD & JOURARD (1953) encontraram relações

moderadas entre imagem corporal, sentimentos sobre o corpo e autoconceito. Assim, ao pensarem e falarem sobre a sua aparência física, as atletas estão formando sua imagem corporal e, possivelmente, o seu autoconceito. E como se isso não fosse suficiente, a construção da imagem corporal também pode refletir na própria performance motora das atletas, pois, segundo SCHILDER (1980),

Quando o conhecimento de nosso próprio corpo é incompleto e imperfeito, todas as ações para as quais este conhecimento particular é necessário também serão imperfeitas. Precisamos da imagem corporal para iniciar os movimentos, especialmente quando as ações são dirigidas ao nosso próprio corpo (p.42).

Ou seja, o conhecimento sobre o próprio corpo, que passa pela construção contínua da imagem corporal, pode ter um peso valioso na própria execução das tarefas motoras da atleta, enfim, no próprio rendimento da atleta. E ao mesmo tempo, este rendimento, que se traduz em movimentos diversos pela quadra é, conforme ZINN (1985), um grande meio para o conhecimento da própria imagem corporal, pois “o meio primário pelo qual as pessoas conhecem os seus próprios corpos é através do movimento, o qual permite a pessoa se relacionar com os outros e com o ambiente” (p.20). Desta forma, os conhecimentos sobre o corpo e a construção contínua da imagem corporal estão absolutamente interconectados com a qualidade de movimento e o rendimento das atletas.

Há alguns pontos do corpo com os quais as atletas deste grupo não se encontram inteiramente satisfeitas, e um deles é a estatura. Encontramos diferenças significantes estatisticamente entre o par real/ideal na questão n.º 54 (“sou muito alta”), $t(154)=7,849$, $p=0,000$, e de n.º 59 (“meu tamanho faz com que eu me sobressaia na multidão”), $t(155)=4,198$, $p=0,000$. As atletas, insatisfeitas com a própria estatura ($mr=3,72$, $dp=2,54$), gostariam de “crescer” um pouco, terem uma estatura maior. Idealmente ($mi=5,73$, $dp=2,54$) seriam ligeiramente mais altas – para se ‘sobressair mais na multidão’ ($mr=3,55$, $dp=2,77$; $mi=4,73$, $dp=2,77$), e provavelmente também na quadra, onde, por exigências da própria modalidade, a estatura pode ajudar no desempenho - mas haveria também anseios estéticos

vinculados ao desejo de ser maior, mais alta? É possível, pois concomitante ao desejo de serem altas, as atletas querem ter ‘pés menores’ – signo de feminilidade, ao passo que ‘pés grandes’, pezões, seriam de homens. Na afirmação nº 30, (“tenho pés grandes”) ($t_{151} = -4,645$, $p = 0,000$ em que há diferenças significantes estatisticamente entre a média real ($mr = 3,82$, $dp = 2,95$) e a média ideal ($mi = 2,70$, $dp = 2,31$), percebemos que as atletas, que já se consideram com pés pequenos, gostariam de ‘diminuí-los’ idealmente. E mesmo assim, como discutido anteriormente, gostariam de serem mais altas – como conciliar ambos, se geralmente os pés crescem proporcionalmente à estatura? Mas a imagem corporal, real ou idealizada, parece resistir a estas contradições e lutas internas, e existir num terreno próprio, onde elas convivem, se não pacificamente, em relativa ordem.

No contexto desta mesma insatisfação com certos aspectos do corpo, ocorreu outra diferença estatisticamente significativa entre o par real/ideal, na afirmação n.º 22 (“sou musculosa”), ($t_{153} = 5,576$, $p = 0,000$). De fato, as atletas se enxergam quase que na média das notas em relação ao tamanho de seus músculos ($mr = 5,03$, $dp = 2,44$). Idealmente, contudo, gostariam de ser mais musculosas ($mi = 6,40$, $dp = 2,32$). Este dado é muito importante na medida que as atletas da amostra entendem que, para jogar handebol em alto nível, elas necessitam de uma musculatura poderosa, a fim de agüentarem o contato físico intenso da modalidade, para arremessar com potência, para se deslocar rapidamente. À época da coleta de dados, em que muitas disputavam vagas para a equipe olímpica, estava nítida a busca por “músculos” de nossas atletas: havia inclusive uma imposição, por parte da comissão técnica da seleção brasileira, que as atletas melhorassem seu desempenho em quesitos como força e potência, no sentido de se aproximar das adversárias em termos físicos, nas Olimpíadas de Sidney. Várias foram as entrevistas que estas atletas deram para televisões e jornais, em que tinham que justificar o novo visual mais “musculoso”, salientando que nem por isso iriam brigar ou bater nos namorados. Dito desta forma, estes comentários deixam entrever que o ‘mito da fragilidade’, conforme descrito por DOWLING (2000), permanece enfronhado no cotidiano das atletas, elas se tornaram fortes ‘apenas’ por necessidade da atividade esportiva competitiva, e com muita dificuldade, mas nem por isso deixaram de ser mulheres, frágeis, não irão brigar com ninguém...; a autora comenta ainda,

após analisar vários estudos comparativos de desenvolvimento de habilidades e capacidades físicas entre os gêneros, que a cultura e o meio ambiente são fatores decisivos para este desenvolvimento, e que, as diferenças físicas entre os gêneros são **vistas** de forma biológica, o que faz com que diferentes expectativas, e conseqüentemente diferentes oportunidades sejam a base da educação motora e física diferenciada para os gêneros. A construção de atividades por gênero (apropriadas ou não para meninas/meninos) favorece esta distinção de tratamento, que culmina com o que DOWLING (2000) chama de continuação ou interrupção do sistema de recompensas para a performance física: enquanto para os meninos ele continua, para as meninas em média ele é interrompido ao final da infância.

KOLNES (1995) também ressalta que, para obterem melhores performances, as atletas precisam modificar os seus corpos, tornando-os aptos a realizarem mais e melhores proezas atléticas; ao mesmo tempo em que existe a cobrança pela performance, há 'desprezo', forte preconceito e dificuldades até financeiras por aquelas que não se apresentam com o feitio típico esperado das mulheres. Mesmo assim, as atletas pesquisadas querem ser mais fortes, ganhar músculos para competirem, correndo o risco de passarem por questionamentos da sua sexualidade – ou então, utilizando-se de artifícios para deixar claro que, “apesar dos músculos, ali está uma mulher de verdade” – como foi o já citado caso de Florence G. Jones.

E alguns signos desta “mulher de verdade” aparecem como amplamente desejados pelas atletas de handebol de alto nível. A proposição nº 35 (“tenho dentes bonitos”, $t(154)=-7,948$, $p=0,000$, há diferenças significantes entre o real e o ideal, em que a média real já é alta $mr=6,76$, $dp=2,19$), a média ideal ($mi=8,30$, $dp=1,53$) aproxima-se da nota máxima; na afirmação nº42 (“tenho olhos expressivos”) $t(154)=4,132$, $p=0,000$, novas diferenças significantes entre a média real já alta ($mr=6,84$, $dp=7,59$) e a média ideal mais alta ainda ($mi=7,59$, $dp=2,21$); por fim, na questão nº 43 (“tenho um sorriso caloroso e amigável”) $t(148)=4,072$, $p=0,000$, mais uma vez encontramos diferenças estatisticamente significantes entre os pares real/ideal, com acentuada elevação na direção ideal ($mr=7,75$, $dp=1,82$; $mi=8,42$, $dp=1,48$). Enfim, sorriso (agradável e caloroso), olhos (expressivos), dentes (bonitos), todas partes do rosto que devem significar e mostrar doçura e

feminilidade, para que, apesar dos corpos musculosos de atletas, as dúvidas quanto a sexualidade e feminilidade não possam transparecer, ou, ao menos, sejam dirimidas.

5.2 Resultados obtidos nas dimensões da imagem corporal avaliadas pelo inventário.

Diversos autores e estudiosos da imagem corporal a entendem e a conceituam através de abordagens que contemplam diversas dimensões. SCHILDER (1980), analisou a imagem corporal através de facetas fisiológicas, libidinosas e sociológicas. ZINN (1985) relata que a imagem corporal é um componente crucial do movimento humano, e também da auto-estima, devendo pois ser mensurada por diversos modos. Conforme GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), a imagem corporal é multidimensional e multifacetada (envolve percepções, atitudes, tamanho, aparência, autoconceito).

Desta forma, em uma tentativa de abordar algumas das dimensões através das quais podemos estudar a auto-imagem corporal, e também pelas características que compõem os vários aspectos da imagem corporal do ser humano, o inventário utilizado para a mensuração da imagem corporal real e ideal das atletas de handebol de alto nível no Brasil, foi categorizado em três dimensões distintas: a primeira delas é a dimensão do **autoconceito**, das preocupações e visões sobre o próprio corpo e suas partes – conforme ZINN (1985), "a imagem corporal é composta tanto pelos aspectos holísticos (o corpo visto como um todo, uma unidade) quanto pelos aspectos diferenciadores (as partes articuladas) do corpo" (p.42). Para GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), a imagem corporal influencia nosso comportamento e o próprio processamento de informações, influenciando assim os nossos sentimentos e ações, e sendo assim intimamente ligada ao nosso autoconceito pessoal.

A segunda dimensão do questionário foi denominada de **self público**, e é a dimensão que se refere ao que eu considero que os outros pensam em relação ao 'meu' corpo. Segundo SCHILDER (1980), nós vivenciamos as imagens corporais dos outros, "a experiência da nossa imagem corporal e a experiência dos corpos dos

outros são intimamente interligadas” (p.15). Para MERLEAU-PONTY (1992, p.276) “é preciso que, com meu corpo, despertem os *corpos associados*, os ‘outros’, que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me assediam, que eu assedio (...)”. Ainda segundo SCHILDER (1980) “os contatos de outros e o interesse que estes demonstram pelas diversas partes de nosso corpo serão de enorme importância para o desenvolvimento do modelo postural do corpo” (p.113).

A terceira dimensão de nosso inventário, a qual denominamos de **self estético**, diz respeito ao gosto das atletas em relação às roupas e vestimentas, àquilo que fica bonito e “cai bem” nelas. SCHILDER (1980), ressalta a importância das roupas na formação da imagem corporal:

Já frisei diversas vezes o quanto a imagem corporal é lábil e mutável. A imagem corporal pode encolher ou se expandir, pode dar partes suas para o mundo externo ou se apoderar das partes dele. (...) Outra prova da labilidade da imagem corporal é o fato de qualquer objeto que se conecte com a superfície do corpo ser, em alguma extensão, incorporado a ele. (...) **As roupas tornam-se parte da imagem corporal** [grifo nosso]. O penteado, por exemplo, aumenta e expande o corpo (...). Qualquer peça de roupa vestida torna-se, imediatamente, parte da imagem corporal (...). Isto fica especialmente claro na atitude das mulheres em relação a suas roupas. Pode-se dizer, inclusive, que as roupas que despimos continuam a fazer parte de nosso corpo (p.176).

SCHILDER (1980) ressalta ainda a importância da beleza e do sentimento estético, ao enfatizar que a beleza é um fenômeno de absoluta importância social, tanto assim que “o corpo humano, seu modelo postural, é o primeiro objeto das artes plásticas e da pintura” (p.262).

Dentro do inventário, há 40 proposições que se encaixam na dimensão do *autoconceito*; 11 que se enquadram na dimensão do *self público*, e 14 classificadas na dimensão do *self estético*. Desta forma, em virtude do número de proposições por

dimensão não ser o mesmo, os presentes resultados foram obtidos em termos proporcionais, internos a cada dimensão.

5.2.1 A 1ª dimensão: o *autoconceito* - preocupações e visões sobre o próprio corpo e suas partes

Das 40 afirmações classificadas nesta dimensão (ver ANEXO IV), obteve-se uma diferença estatisticamente significativa em 23 delas, ou seja, em 57,5% das proposições vinculadas a esta dimensão, foram encontradas diferenças significantes entre a avaliação que as atletas fizeram da sua imagem, do seu *autoconceito* corporal **real**, e daquele **ideal**.

A TABELA 3 nos mostra os valores da média real, média ideal, desvio padrão e grau de significância para cada uma destas 23 proposições.

A dimensão do *autoconceito* é aquela que mais se aproxima do objeto deste estudo - a imagem corporal das atletas, real e idealizada. Daí a ocorrência de um maior número de questões dentro desta dimensão. Esta também é a dimensão na qual, proporcionalmente, ocorreu a maior quantidade de diferenças estatisticamente significantes entre pares de proposições e quantificações sobre a imagem corporal real/ideal, fato que comprova a força e a necessidade da dimensão do **autoconceito** em um estudo deste porte. De acordo com diversos autores (GUTHRIE & CASTELNUOVO, 1994; SCHILDER, 1980; VERON, 1976), o *autoconceito* é uma das facetas mais importantes da imagem corporal.

TABELA 3 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as afirmações da dimensão do *autoconceito*.

FRASES	MR	DPr	Mi	DPI	p<0,05
Gosto de me olhar no espelho	7,33	2,14	7,84	1,94	0,000
Tenho uma boa postura	6,21	2,01	8,19	1,55	0,000
Preocupo-me com a forma das minhas pernas	7,68	2,27	6,80	2,81	0,000
Tenho bom porte	6,66	2,28	8,11	1,68	0,000

Sou musculosa	5,03	2,44	6,40	2,32	0,000
Gostaria de fazer algo em relação ao meu peso	6,18	2,92	5,48	3,18	0,006
Tenho pés grandes	3,82	2,95	2,70	2,31	0,000
Penso muito na minha aparência física	7,48	2,10	7,04	2,44	0,031
Estou abaixo do peso	2,85	2,49	4,93	3,15	0,000
Tenho dentes bonitos	6,76	2,19	8,30	1,53	0,000
Geralmente estou acima do peso que imagino ter	4,46	3,06	2,86	2,49	0,000
Meu cabelo sempre foi um problema para mim	3,98	2,95	3,20	2,95	0,007
Tenho olhos expressivos	6,84	2,28	7,59	2,21	0,000
Meu sorriso é caloroso e amigável	7,75	1,82	8,42	1,48	0,000
Preocupo-me com o meu peso	7,32	2,96	6,15	3,89	0,000
Minhas medidas são bem proporcionais	6,29	3,72	7,99	1,74	0,000
Raramente penso sobre o meu corpo	2,70	2,48	4,34	3,16	0,000
Sinto-me gorda	3,99	2,89	2,43	2,50	0,000
Sou muito alta	3,72	2,59	5,73	2,54	0,000
Tenho coxas grossas	6,64	2,44	7,23	2,10	0,019
Meu tamanho faz com que eu sobressaia na multidão	3,55	2,77	4,73	2,77	0,000
Estou satisfeita com a minha aparência	6,85	2,14	7,98	1,98	0,000
Tenho dificuldades em controlar o peso	4,36	2,96	3,14	2,83	0,000

Segundo COCA (1993), falar sobre o corpo e as suas partes

(...) acaba por revelar algumas certezas e angústias que o homem esportivo (aí entendido como todo aquele envolvido na ação esportiva, os e as atletas, treinadores e responsáveis por sua preparação) deve levar em consideração no sentido de resgatar o próprio corpo, e todos os significados subjacentes a sua prática (p.40).

Ainda conforme COCA (1993), “(...) se os pré-socráticos já estudavam a aparência *imóvel* do homem (o seu ‘dokeo’, conforme Heráclito), vamos denominar a sua aparência *móvel* de **gesto corporal**” [grifo do autor] (COCA, p.37). Desta forma, o gesto corporal, a aparência móvel que faz com que a atleta se perceba no mundo, viva, é captada por ela mesma através do conceito que ela faz do seu próprio corpo e de suas partes.

Nesta dimensão é possível ver algo já analisado anteriormente sobre uma parte do corpo muito importante para a atleta de handebol - suas **pernas**. As atletas gostariam de tê-las mais grossas, principalmente as coxas ($mi=7,23$), o que denota uma preocupação nítida com a aparência das pernas, mas também com a performance melhor (velocidade, potência) que o tamanho do membro pode implementar. As atletas também se mostram muito preocupadas com a aparência de suas pernas ($mr=7,68$), idealmente elas gostariam de não pensar tanto sobre elas. Aliás, são as próprias atletas que declaram que gostariam de pensar menos em seus próprios corpos (“penso muito na minha aparência”, $mr=7,48$, $dp=2,27$; $mi=7,04$, $dp=2,44$; “raramente penso sobre o meu corpo”, $mr=2,70$, $dp=2,48$; $mi=4,34$, $dp=3,16$) Qual seria a razão disto? De onde provêm a “vergonha”, ou o incômodo de pensar naquele que é, além de instrumento de trabalho, o seu veículo de ser/estar no mundo?

Conforme GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), a opressão que a mulher sofre até os dias atuais “está absolutamente **ligada a sua experiência corporal no mundo** [grifo nosso], a qual muitas vezes e para muitas é vivida com sentimentos de inferioridade e vulnerabilidade” (p.308). Assim, ter vergonha, não querer pensar no corpo representa uma forma de “esquecê-lo”, não pensando nos problemas e dificuldades que o próprio corpo apresenta para a pessoa; não se preocupar com o corpo significa deixar de lado o fator que as oprime. Claro que é uma tentativa vã, já vimos no decorrer deste trabalho que **somos corpo** (FREUD, 1976; MERLEAU-PONTY, 1999). A explicação para esta tentativa de “fuga” do corpo pode ser dada por VERON (1976), que comenta que a onipresença corporal não é um facilitador das coisas, mas sim mostra como é difícil se objetivar a presença do corpo, “o objeto –corpo em si se esconde ao olhar das ciências ditas humanas ou sociais” (p.179). E

se esconde exatamente porque o corpo não é completamente um objeto, pois também é sujeito, é visto e vê, é tocado e toca (FRAYZE-PEREIRA, 1996).

Por outro lado, é interessante notar que estas atletas se encontram satisfeitas com a própria aparência, a média real da pontuação desta frase foi relativamente alta ($mr=6,85$, $dp=2,14$). Sequer o cabelo lhes traz grandes preocupações (“meu cabelo sempre foi um problema para mim”, $mr=3,98$, $dp=2,95$).

Esta dimensão também amplia a nossa visão sobre o problema do peso corporal para as atletas. Várias frases mostram como existe uma preocupação com o peso, (“gostaria de fazer algo em relação ao meu peso”, $mr=6,18$, $dp=2,92$), e mesmo um relativo desconhecimento em relação a este, e um desejo que ele seja menor do que é (“geralmente estou acima do peso que imagino ter”, $mr=4,46$, $dp=3,06$). Preocupação constante da mulher e do atleta, o peso corporal tem merecido uma vigilância constante por parte de pesquisadores da área psicológica e nutricional envolvidos com o esporte: SCULLY et al. (1998) relatam que muitas mulheres submetidas a treinamentos e a regimes excessivamente rigorosos são suscetíveis a apresentar sintomas, entre outros, de anorexia nervosa, amenorréia e osteoporose, tríade de doenças que ficou conhecida como uma síndrome denominada FAT (‘female athlete triad’). Esta síndrome inclusive chegou a provocar mortes entre atletas. Segundo GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), existe uma tendência a se pensar que, pelo fato de atletas terem altas performances físicas em níveis supernormais, eles possuem imagens corporais saudáveis. Porém, recentes pesquisas em desordens alimentares revelaram uma epidemia crescente entre mulheres

chegou a ponto da anorexia matar mais do que outros distúrbios psicológicos, e mesmo mais que a AIDS. Atletas, sobretudo daqueles esportes aonde um corpo pequeno, pouco peso e “magreza” são importantes, estão num grupo de alto risco. As pesquisas também indicam que distúrbios alimentares e imagem corporal negativa estão significativamente relacionados, e que esta imagem negativa pode influenciar na previsão do fracasso do tratamento, tanto quanto no desenvolvimento da patologia (p.311).

SCULLY et al. (1998) também levantam que a tendência à mortalidade causada pela FAT é mais acentuada em mulheres envolvidas em esportes que enfatizam a necessidade de manutenção de um peso baixo, como ginástica e danças. Não é o caso específico do handebol, porém sempre é bom lembrar que muitas atletas, como mencionado anteriormente, na fase de coleta de dados se preparavam para buscar vagas na equipe que iria aos Jogos Olímpicos de Sidney, e que uma exigência da comissão técnica da seleção brasileira era a melhoria de certas capacidades físicas, o que incluía perda de peso, “transformação de gordura em músculos”. Assim, é necessário que treinadores e pessoas envolvidas com o esporte e a modalidade estejam atentos às pesquisas individuais com imagem corporal e busquem perfis psicológicos de atletas que apresentem tendências de distúrbios alimentares. SCULLY et al. (1998) ainda afirmam que

Distúrbios alimentares e uma busca constante de emagrecimento estão freqüentemente acompanhados por conseqüências psicológicas como sintomas de depressão tais como baixos níveis de auto-estima e energia (p.116).

Na dimensão do autoconceito podemos enxergar com clareza, e aprofundar a discussão sobre algumas contradições e desejos de nossas atletas, de possuírem corpos atléticos porém femininos.

Estas atletas não se consideram altas, mas apresentam o desejo de crescerem, serem mais altas ($mr=3,72$, $dp=2,59$; $mi=5,73$, $dp=2,54$); elas também querem ter “medidas bem proporcionais” ($mr=6,29$, $dp=3,72$, $mi=7,99$, $dp=1,74$) mas ao mesmo tempo não querem “ter pés grandes” ($mr=3,82$, $dp=2,95$, $mi=2,70$, $dp=2,31$). Como já vimos acima, isto seria possível? Ao mesmo tempo, e olhando para uma frase cujo pareamento real/ideal não apresentou diferenças estatisticamente significantes (“tenho ossos grandes”, $mr=5,09$, $dp=2,79$; $mi=5,03$, $dp=2,79$) mas que mostra um dado interessante: como ser alta sem ossos grandes? Outra frase que não apresenta diferenças estatisticamente significantes, mas radiografa bem o desejo das atletas é a nº 63

(“tenho músculos pequenos”, $mr=4,20$, $dp=2,58$; $mi=4,03$, $dp=2,74$). Elas possuem e pretendem idealmente se manter assim, com músculos pequenos, mas simultaneamente querem “ser musculosas” ($mr=5,03$, $dp=2,44$; $mi=6,40$, $dp=2,32$).

Conforme GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), uma explicação para estas contradições quanto ao autoconceito relacionado à imagem corporal poderia ser proveniente do

(...) viés ideológico pelo qual é encarado o corpo feminino nas sociedades ocidentais, o qual impôs inclusive um vocabulário que oprime e fragiliza a mulher e o seu corpo. [Este viés ideológico inclusive ‘dita’ que] (...) corpos femininos não são adequados para atividades que requerem contato físico, sobretudo aquelas que enfatizam o poder do corpo para se sobrepor ao oponente, e que mulheres que participam em tais modalidades não são ‘verdadeiras’ mulheres (p. 309).

Desta forma, ao desejarem se manter musculosas, mas com músculos pequenos, ou mesmo ansiarem ser mais altas, mas com pés pequenos e ossos pequenos estas atletas poderiam estar, de alguma forma, mascarando a sua realidade de mulheres atletas de handebol, e como tais, fortes, musculosas, altas - e com tudo que isso traz, como músculos e ossos grandes - características desenvolvidas para suportarem e enfrentarem com sucesso o contato físico vigoroso da modalidade - a fim de suavizar uma imagem que pode lhes parecer, ainda hoje, não feminina e inadequada para os padrões de comportamento social. Conforme PEREIRA (1984) “a sociedade condiciona a formação e também elege os parâmetros para julgar a chamada feminilidade” (p.7).

Ou seja, a contradição entre as necessidades do corpo da atleta de handebol - força, estatura, potência muscular - e o corpo de mulheres que se pretendem “femininas” conforme os padrões sociais ainda incutidos em si mesmas - fragilidade, doçura, músculos e ossos pequenos - parece resistir tanto na percepção real do seu corpo quanto no imaginário idealizado para o próprio corpo por estas atletas.

5.2.2 A 2ª dimensão: o *self* público - o que os outros pensam em relação ao 'meu' corpo

Das 11 afirmações relacionadas nesta dimensão (ver ANEXO V), obtivemos diferenças estatisticamente significantes em seis delas, ou seja, em 54,8% das proposições entre pares de imagem real/ideal que compõem esta dimensão do *self* público.

Para SCHILDER (1980) “quando deixamos nossos olhos vagarem pelo corpo, conseguimos, (...), uma figuração visual bastante incompleta de nós mesmos” (p.77). O autor comenta inclusive que é surpreendente o fato que, quando as pessoas comparam o que sentem e o que percebem tatilmente em seu corpo com a imaginação ou as percepções visuais do corpo, descobrem grandes diferenças.

MERLEAU-PONTY (1975b) realça que muitos pintores (Velázquez, Matisse, entre outros) sempre gostaram de representar a si mesmos no ato de pintar, “acrescentando ao que então viam aquilo que as coisas viam deles (...)” (p.282).

Assim, esta dimensão procura avaliar o que as atletas pensam que os outros vêem nelas, sendo o “outro” parte constituinte e fundamental da imagem corporal de alguém.

A TABELA 4 mostra os valores de média e desvio padrão real e ideal, bem como o grau de significância encontrados para as proposições nesta dimensão que apresentaram diferenças significantes em nível estatístico.

TABELA 4 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as frases envolvidas na dimensão do *self* público.

FRASES	Mr	DPr	Mi	DPI	p<0,05
Gosto que tirem fotografias de mim	5,90	2,70	6,92	2,63	0,000
Preocupo-me com a opinião dos outros sobre a minha aparência	5,61	2,66	3,83	2,82	0,000
Comentários de grupos sobre a minha aparência em geral me incomodam	5,54	2,70	4,16	3,00	0,000
Eu muitas vezes penso como estou parecendo para os outros	5,31	2,88	3,78	2,38	0,000
Realmente não me importo com a	2,95	2,74	3,97	3,15	0,000

minha aparência					
Gosto de falar sobre a minha aparência	4,34	2,47	5,67	2,81	0,000

Conforme COCA (1993) o ser esportivo só existe para alguém. De fato, para este autor, o homem esportivo inexistente se sozinho. “O que existe é um ‘eu - corpóreo – socializado’” (p.40), com vida e que possui mensagens, histórias para revelar e ser descoberto pelos outros. Diversos autores (GUTHRIE & CASTELNUOVO, 1994; MERLEAU-PONTY, 1942, 1992, 1999; SCHILDER, 1980) ressaltaram a intercorporeidade da imagem corporal, a sua construção social, a sua existência enquanto troca de experiências e imagens incessantes entre todos os corpos que habitam o ambiente social. MERLEAU-PONTY (1992) chega a perguntar “(...) o que aconteceria se eu contasse, não somente com minhas visões de mim mesmo, mas também com as que outrem teria de si e de mim?” (p.20).

Desta forma, os autores que refletem sobre o corpo e sua imagem concordam que a opinião dos “outros”, e a interpretação que a atleta faz dos pensamentos de terceiros sobre a sua imagem corporal, se reveste de suma importância para o delineamento desta. Afinal, segundo COCA (1993),

(...) em face de quem oferece o seu gesto corporal vivo, estão espectadores, torcedores, fãs, que recebem e ao mesmo tempo condicionam este gesto, através de suas reações, apupos, aplausos. Sem ter a quem se apresentar, o gesto do homem esportivo seria solitário, vazio (p.49).

E é exatamente disto, de como a atleta pensa que os outros a enxergam, de que trata a dimensão *self público*. Esta dimensão apresenta, um caráter extremamente importante na conceituação da imagem corporal enquanto imagem intercorporal, construída socialmente.

Assim, são muito reveladoras algumas respostas obtidas nesta dimensão. As respostas às proposições “preocupo-me com a opinião dos outros sobre a minha aparência”, “comentários de grupos sobre a minha aparência em

geral me incomodam” e “eu muitas vezes penso como estou parecendo para os outros”, em que as médias reais se encontram próximas à indiferença, mostram, por outro lado, uma grande queda no mundo idealizado, suas médias, conforme a TABELA 4, caem bastante. Ou seja, o outro, longe de ser alguém que possa contribuir com a experiência e a imagem corporal própria da atleta, deve ser evitado, é um incômodo, um estorvo.

O que não deixa de nos surpreender, uma vez que estas atletas demonstram claramente que “gostariam (ideal) de falar mais sobre a sua aparência”. Por certo, assim como nos documentos oficiais sobre Educação, Educação Física e Esporte no Brasil (ROSEMBERG et al., 1990), o discurso sobre o corpo esvanece também na prática esportiva – não se fala sobre ele.

Tanto isso acontece que as atletas querem ser fotografadas, a média ideal é quase nota 7. Ou seja, o corpo pode ser mostrado desde que não se fale, ou se comente nem se pense a respeito. Está ali para ser observado, e que a vejam bem.

Uma questão de relevância nesta dimensão - que não apresenta diferenças estatisticamente significantes entre os pares real/ideal - é a de n.º 26 (“pareço uma pessoa normal”). Inclusive durante a coleta dos dados, que foi feita em um clima de bastante silêncio, os poucos comentários entre as atletas referiam-se a esta questão: “Eu pareço normal?”, elas se perguntavam umas às outras. As notas altas atribuídas a esta afirmação ($m_r=7,89$, $dp=1,91$; $m_i=8,08$, $dp=1,93$), parecem ser um indicativo que as atletas querem parecer normais, não querem se destacar por nada na aparência que chame a atenção para si mesmas.

5.2.3 A 3ª dimensão: o *self* estético – destaca o gosto das atletas em relação às roupas e vestimentas.

Das 14 afirmativas envolvidas nesta dimensão (ver ANEXO VI), obtivemos valores que apresentavam diferenças estatisticamente significantes em seis delas, isto é, em 43% das proposições houve diferenças entre os pares real/ideal.

A TABELA 5 mostra os valores de médias real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para cada uma destas 6 afirmações.

O *self* estético, vinculado à problemática da roupa e vestimentas em geral, coloca como pano de fundo a questão do gênero: afinal, estas atletas, devido às exigências de confronto físico - por vezes muito violento - que acontece no handebol, muitas vezes são obrigadas, dadas as características da sua própria modalidade, a apresentarem qualidades ditas “masculinas” (rudeza, agressividade, contato corporal na linha das cinturas pélvica e escapular, choques de ombro, troca de empurrões, entre outros movimentos nada carinhosos) em quadra.

Estas mesmas atletas, para se diferenciarem perante os outros e para reafirmarem a sua própria identidade para si mesmas, desejariam - e esta dimensão pode comprovar isso, pois também apresentou um alto índice de diferenças estatisticamente significantes entre os pares real/ideal das proposições aí classificadas - mostrar o seu corpo vestido de uma forma idealmente bela e feminina.

TABELA 5 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as afirmações da dimensão do *self* estético.

FRASES	Mr	DPr	Mi	DPI	p<0,05
Sapatos de salto alto deixam as minhas pernas mais bonitas	5,68	3,04	7,20	2,49	0,000
Gosto de usar roupas justas	6,26	2,56	6,82	2,46	0,009
Costumo vestir camisetas justas	6,02	2,66	6,76	2,45	0,001
Fico bem de shorts	7,36	2,02	8,13	1,95	0,000
Fico bem de maiô	5,74	2,67	7,59	2,24	0,000
Posso mostrar-me sofisticada quando quero	7,42	2,15	7,93	1,94	0,002

Neste sentido, entendem-se as diferenças estatisticamente significantes nas proposições que aparecem na TABELA 5: em todas há uma tendência para que

a nota aplicada à imagem ideal seja superior e diferente significativamente daquela aplicada à imagem real: gostar idealmente de usar sapatos com saltos, e também maiôs (peças tipicamente femininas), querer ter a possibilidade de usar roupas justas, tudo se enquadra naquilo que GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) chamam de “discurso da beleza do corpo feminino”, ou seja, procurar se diferenciar e se mostrar como mulher, através da roupa e da beleza “inerentes” ao seu próprio gênero.

Conforme KOLNES (1995),

(...) de qualquer modo, os comentários de um consultor para marketing e patrocínios esportivos é que tanto o atleta como a atleta devem ter **personalidade, carisma** [grifo do autor] para conseguirem bons contratos de publicidade, mas que os patrocinadores enfatizam que as **mulheres** [grifo do autor] as quais eles patrocinam tem uma beleza heterossexual (...). Há uma expectativa sobre as atletas de elite para que elas projetem a sua sexualidade através de sua aparência e seu comportamento como atletas de alto nível. (...) Há uma contradição nesta situação, pois quando se trata de façanhas e objetivos físicos, há vantagens em ser forte fisicamente, ou ‘masculina’, e nenhuma vantagem ou benefício ao ser ‘feminina’. Uma atleta de alto nível que é masculina em suas ações terá grandes chances de ter bons resultados, mas, como foi visto, a mensagem subliminar é que a sua força física deve ser escondida através da sua ‘feminilidade’ (KOLNES, 1995, p.74).

Ou seja, as atletas sonham em “projetar a sua sexualidade e feminilidade” através de roupas justas e femininas que possam destacar as suas formas, mesmo que, como colocam SCULLY et al. (1998), “essa ênfase na forma feminina, (...) possa forçar sentimentos de ansiedade psicossocial, restringir o prazer da atividade em si mesma, o que pode ser exacerbado pela natureza das roupas durante a prática” (p.116).

Segundo GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994),

(...) o 'discurso da beleza do corpo feminino' é o que dá a referência para a compreensão do componente social da imagem corporal feminina. É um discurso pronto para construir um corpo feminino num tamanho específico, com gestos e movimentos restritos, diferentes, e sedutores. Na verdade, este 'discurso' é uma decorrência da análise que Michel Foucault faz do corpo e da sexualidade, colocando-os no centro da análise social da sociedade ocidental pós-século XVII. Esta sociedade coloca e enfatiza a questão do gênero - masculino e feminino - como elementos críticos da identidade pessoal, e transforma a "verdadeira" identidade sexual em um elemento crítico e restritivo para o encontro da identidade própria. (na Grécia Antiga, o ideal era a construção de um bom ser humano, ético). (...) Trata-se aqui de colocar no 'gênero feminino' a sua discussão sobre a socialização sexual, e referir-se a ele como o 'discurso da beleza do corpo feminino', e de como este discurso molda as nossas vidas e corpos - e inclusive a nossa própria **imagem corporal** [grifo do autor] (GUTHRIE & CASTELNUOVO, 1994, p. 315).

A ocorrência de diversas proposições (42%) desta dimensão rejeitando a primeira hipótese nula deste estudo, pode corroborar com alguns estudos citados acima. O discurso do corpo belo, feminino e realçado por sua fragilidade continua sendo uma "exigência", mesmo que implícita e subliminar, para as atletas de alto nível. Ou, como quer KOLNES (1995)

(...) mais do que desafiar as imagens dominantes do corpo feminino e da mulher, o esporte de alto nível tornou-se um meio pelo qual a sexualização do corpo feminino serve como uma armadilha contra as mulheres, as que estão dentro e fora do esporte (p.75).

6 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

*“(...) porque há mais razão no teu corpo
que na melhor sabedoria” (Friedrich
Wilhelm NIETZSCHE)*

Em vista dos resultados expostos neste estudo sobre a imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil, podemos apresentar as seguintes conclusões, respeitando as delimitações desta pesquisa, assim como sugerir novas perspectivas de estudo:

- Existem diferenças estatisticamente significantes entre diversos pares real/ideal nas proposições do inventário da “imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil”. Estas diferenças alcançam a maior parte das frases ($\cong 54\%$) que compõem este inventário;
- As frases e diferenças significantes apontam para direções que ainda incomodam a atleta e sua relação com o seu corpo e consigo mesmo: a constante preocupação com o peso corporal, que afeta significativamente as mulheres que procuram atividade física e o esporte competitivo principalmente, também se manifesta aqui. As atletas querem ter o peso ideal, tem dificuldade em lidar com o peso, imaginam-se sempre mais leves do que realmente são;
- As pernas são uma das partes do corpo que mais preocupam as atletas de handebol; elas devem ser fortes porém bonitas, sobretudo para que se mostrem esteticamente bem nos uniformes e roupas esportivas atuais. Isto parece ser uma readequação e mesmo uma adaptação a um novo controle normativo imposto de fora, seja pela indústria da moda esportiva, ou mesmo por controladores dos órgãos esportivos, sobre o corpo da mulher, o que corrobora com o estudo de KOLNES (1995), que coloca o esporte de competição ainda como um elemento a ditar normas sobre o corpo e os desejos femininos. De fato, esta adaptação às normas de fabricantes e dirigentes tendem a ser uma nova coisificação do corpo

feminino, ao colocá-lo como ‘algo’ que deve caber e se moldar às imposições externas;

- As atletas apresentam um elevado grau de vaidade, ao procurarem ou desejarem se vestir sempre com roupas justas. Isto se enquadra no que GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) chamam de “o discurso da beleza do corpo feminino” o qual dá referência para a compreensão do componente social da imagem corporal feminina. Segundo as autoras, este é um discurso que constrói um corpo feminino num formato específico, sedutor;
- As atletas de handebol incomodam-se com o fato de que os outros pensam em relação a sua própria aparência, porém ao mesmo tempo gostariam de falar mais desta aparência, e de seu próprio corpo. Ao que parece, elas não têm encontrado espaço para isso dentro de sua prática competitiva;
- Esta ausência de possibilidade de troca com o “outro” sobre o próprio corpo, no sentido de construir continuamente sua imagem corporal, dificulta sobremaneira o conhecimento do corpo;
- As atletas, novamente confirmando e corroborando GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), e mesmo KOLNES (1995), querem possuir um corpo de atleta, serem altas e musculosas, mas ao mesmo tempo não querem perder características femininas – como ossos, músculos e pés pequenos mesmo que isso contradiga e mesmo as impeça de possuírem características que as favoreçam em termos esportivos e competitivos;
- Em relação às dimensões encontradas dentro do próprio inventário, aquela em que apareceu o maior número de diferenças estatisticamente significantes entre os pares real/ideal das proposições apresentadas, foi a dimensão do **autoconceito**, com 57,5% das frases rejeitando a hipótese nula; ela foi seguida pela dimensão do **self público**, com 54,8% dos pareamentos real/ ideal rejeitando a hipótese de igualdade entre eles; logo depois, na dimensão do **self estético**, obtivemos 43% de pareamentos real/ ideal rejeitando a hipótese de igualdade entre eles;
- Como a dimensão do autoconceito refere-se diretamente ao corpo e suas partes, podemos dizer que há diferenças significantes entre a imagem corporal real das

atletas, o que elas pensam sobre os seus corpos, e aquilo que elas gostariam de ser idealmente;

- Este estudo, limitado às atletas de apenas uma modalidade (handebol), pode servir de base para novos estudos e pesquisas em outras modalidades, para que se possa traçar um quadro mais amplo da condição da mulher atleta brasileira em relação ao seu corpo, no início deste novo século, podendo-se então inclusive se fazer comparações entre modalidades, e subsidiar treinamentos, sobretudo ao que se refere ao estado emocional de atletas submetidas muitas vezes às fortes pressões dos treinamentos, sejam elas físicas, materiais, psicológicas, sociais, mercadológicas ou outras;
- Por outro lado, mesmo as limitações deste estudo permitem vislumbrar que a participação crescente da mulher no esporte nacional é um fato consumado; caminhar para um mundo mais justo e fraterno, no qual as diferenças sejam respeitadas e não simplesmente anuladas ou impedidas de virem à tona, é um papel que também cabe ao esporte de competição, por tudo aquilo que ele representa enquanto força social no cotidiano das pessoas e mesmo na vida de nosso país. Sendo assim, o corpo feminino no esporte, sua condição real e imaginária, precisa ser pesquisado cada vez mais, para que, compreendido não sofra mais com discriminações que acabem aviltando o potencial e a própria condição feminina no esporte de competição.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou avaliar a imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil, através de um instrumento específico, que comparou a imagem corporal real com a ideal que estudantes possuíam de si mesmas.

Durante o percurso, ficou claro que sem um pano de fundo histórico, que olhasse e contextualizasse a atividade corporal (esportiva, física) da mulher no Brasil e no mundo, seria difícil abordar o corpo da atleta de rendimento nos dias atuais.

Sem de fato saber quem definiu historicamente, e de que forma esta definição do corpo da mulher aconteceu, nosso estudo seria uma simples fotografia à distância das mulheres que praticam e competem, sem tentar sequer alcançar o verdadeiro âmago da questão – e sem procurar responder à pergunta, colocada por ALONSO¹¹ (2000) “e hoje, no século XXI, quem define o próprio corpo é a mulher? Entre o espaço da procriação e da idolatração, o que sobra? Qual o espaço da subjetivação?”

Trabalhando com equipes femininas há muito tempo, vimos observando, especialmente no handebol, o quão doloroso é ser técnico e comandar atletas moldadas por sentimentos advindos de preconceitos estereotipados sobre o papel da mulher enquanto desportista. Esta em realidade foi a nossa motivação inicial.

E para procurar ir a fundo na questão do corpo da mulher atleta, para radiografá-lo, escolhemos o método fenomenológico, pelo qual procuramos nos aproximar do corpo de forma não – dualista. Para compreender este sentimento que foi o ponto de partida do estudo, precisávamos nos aproximar das questões do corpo assim como proposto por MERLEAU-PONTY (1975a)

(...) para tornar-se verdadeiramente científica, a psicologia não deve rejeitar em bloco como antropomórfica, nossa experiência humana do animal, nem submetê-la apenas às questões que a experiência física põe para o átomo ou para o ácido, **mas admitir que há outras relações verdadeiras além das mensuráveis, e que, enfim, nossa noção de ‘objetivo’ deve ser inteiramente redefinida.** [grifo nosso] (p.370).

Nesta caminhada, mesmo através de uma proposta fenomenológica, ainda esbarramos em limitações, as quais ALONSO (2000) apropriadamente denominou de “quebra epistemológica”: um método fenomenológico, seguido de uma metodologia positivista.

¹¹ Informação obtida em comentário feito pela Profª. Dra. Luiza Alonso na banca de qualificação deste trabalho, em 13 de dezembro de 2000, na Escola de Educação Física e Esporte da USP.

De fato, nosso instrumento, o inventário utilizado nesta pesquisa, mostrou esta limitação metodológica. Ele não é capaz, sozinho, de agregar o relato verbal das atletas, que poderia traduzir todas as representações sociais que hoje são feitas no esporte de alto nível para mulheres no Brasil. O instrumento aborda quantitativamente a questão do corpo e da imagem corporal, e nisto ele é limitado.

Porém, este instrumento abre as portas para que sejam feitas abordagens iniciais, e numericamente importantes - afinal, foram entrevistadas 156 atletas de handebol de alto nível de nosso país, e o instrumento possibilita cobrir um universo ainda maior de jogadoras. Se o instrumento possui limitações, por outro lado ele ajuda a compreender o momento pelo qual passam as nossas atletas: se ele restringe nosso foco, ele também não fotografa apenas a superfície; na verdade, ele ajuda a radiografar, a conhecer por dentro também o pensamento e o sentimento sobre o próprio corpo destas atletas. Neste sentido, ele é extremamente útil para abordagens que se pretendam quantitativamente e numericamente importantes.

Claro que a este instrumento podemos adicionar alguns outros, como relatos verbais, busca de novas fontes históricas e mesmo um universo maior de modalidades no Brasil. Construir instrumentos que nos possibilitem mergulhar cada vez mais fundo no universo do esporte feminino de alto nível no Brasil, sem perder o substrato fenomenológico que caracterizou nosso estudo – este é o desafio lançado para a psicossociologia do esporte brasileiro neste momento. Demos uma pequena contribuição nesta trilha, e novos e ousados passos com certeza construirão um caminho sólido de pesquisa nesta área em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKEL, M.C. **Determinantes da imagem corporal**. São Paulo, 2000. 88p. Monografia (Especialização em Psicologia do Esporte) - Faculdade de Educação Física, Faculdades Metropolitanas Unidas.
- BAUMGARTER, T.; JACKSON, A. **Measurement for evaluation in physical education and exercise science**. Wisconsin, Brown & Benchmark, 1982.
- BAYER, C. **La pratique du hand - ball et son approche psycho-sociale**. Paris, J.Vrin, 1974.
- BERLIN, D. Tropiezos de la mujer en el ejercicio de la profesión: visión psicoanalítica y visión de género. **Trópicos**, v.6, n.1, p.28-40, 1998.
- BRANDÃO, M.R; LONGO, S.; CAMPAGNOLE, L.; AKEL, M.C.; GHORAYEB, N.; SOEIRO, A. Parámetros de la imagen corporal real e idealizada. In: CONGRESO PANAMERICANO DE MEDICINA DEPORTIVA, 18., Medellín, 1998. **Memórias**. Medellín, Colômbia, 1998. p.123.
- CREFF, A.F.; CANU, M.F. **La femme et les sports**. Paris, Masson, 1982.
- COCA, S. **El hombre deportivo**: una teoría sobre el deporte. Madrid, Alianza Editorial, 1993.
- DOUDLAH, A.M. **The relationship between the self - concept, the body - image, and the mouvement - concept of college women with low and average motor ability**. Greensboro, 1962. 179p. Thesis (Master) - University of North Carolina at Greensboro.
- DOWLING, C. **The frailty myth**: women approaching physical equality. New York, Random House, 2000.

FRAYZE-PEREIRA, J. A questão da ilusão: Winnicot através de Merleau-Ponty. In: CATAFESTA, I. **D.W.Winicott na USP: o verdadeiro e o falso à tradição independente na psicanálise contemporânea**. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1996. p.47–58.

FREUD, S. **Obras completas: o ego e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.19.

GRIFFIN, P. Lesbian and bisexual women in sport. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v.70, n.4, p.53-4, 1999.

GUTHRIE, S.; CASTELNUOVO, S. The significance of body image in psychosocial development and in embodyng feminist perspectives. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.307-22.

HOWEL, D.C. **Statistical methods for psychology**. Belmont, Duxbury Press, 1992.

HULT, J.S. The story of women's athletics: manipulating a dream. 1890 - 1985. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.83-106.

KNIJNIK, J.D.; SIMÕES, A.C. A atleta e o esporte: o corpo como paradigma da sua auto-imagem. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., São Paulo, 1998. **Anais**. São Caetano do Sul, Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, 1998. p.133.

_____. A imagem corporal da atleta de rendimento: reflexões e experimentos. In: SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 4., São Paulo, 1999. **Anais**. São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. p.31.

KOLNES, L.J. Heterosexuality as an organizing principle in women's sport. **International Revue of Sociology of Sport**, v. 30, p.61-77, 1995.

KURZ, R. O eterno sexo frágil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 jan. 2000. Caderno Mais, p.12-3.

LENK, M. **Braçadas e abraços**. Rio de Janeiro, Grupo Atlântica Boa-Vista, 1982.

LENSKYJ, H. **Out of bonds: women, sport and sexuality**. Toronto, Women's Press, 1986.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução no feminino**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.

_____. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

LUZ, R.; LINS, M.I.A. **D. W. Winnicott: experiência clínica & experiência estética**. São Paulo, Revinter, 1998.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974. v.2.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. **La structure du comportement**. Paris, PUF, 1942.

_____. Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, Paris, outubro de 1947.

_____. O metafísico no homem. In: **Os pensadores**. São Paulo, Abril, 1975a. v.41, p.369-82.

_____. **O visível e o invisível.** São Paulo, Perspectiva, 1992.

_____. O olho e o espírito. In: **Os pensadores.** São Paulo, Abril, 1975b. v.41, p.275-301.

MESSNER, M.A. Sports and male domination: the female athlete as contested ideological terrain. **Sociology of Sports Journal**, v.5, n.3 p.197-211, 1988.

MOURÃO, L. **Representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva:** da segregação à democratização. Rio de Janeiro, 1998. 235p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

OLIVIER, G.G. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade.** Campinas, 1995. 100p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

OTT, R. Should men coach women's teams and vice - versa? **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v.70, n.4, p.11-2, 61, 1999.

PARK, R.J. From 'genteel diversions' to 'bruising peg': active pastimes, exercise, and sports for females in late 17th - and 18th - century Europe. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport:** interdisciplinary perspectives. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.27-43.

PARRATT, C. From the history of women in sport to women's sport history: a research agenda. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport:** interdisciplinary perspectives. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.5-14.

- PEREIRA, L.E. **Mulher e esporte**: um estudo sobre a influência dos agentes de socialização em atletas universitárias. São Paulo, 1984. 100p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- PINI, M.C. **Fisiologia esportiva**. Guanabara, Koogan, 1978.
- ROSEMBERG, F. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, E., org. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, Papirus, 1995. p.271-308.
- ROSEMBERG, F.; PIZA, E.; MONTENEGRO, T. **Mulher e educação formal no Brasil**: estado da arte e bibliografia. Brasília, INEP/REDUC, 1990.
- SANCHEZ, F.S. Contenido del juego de balonmano: definición y análisis general del juego. In: CUESTA, J., org. **Balonmano**. Madrid, Comitê Olímpico Español & Federación Española de Balonmano, 1992. p.29-79.
- SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- SCULLY, D.; KREMER, J.; MEADE, M.; GRAHAM, R.; DUDGEON, K. Physical exercise and psychological well being: a critical review. **British Journal of Sports Medicine**, v.32, p.111-20, 1998.
- SECORD, P.F; JOURARD, S.M. The appraisal of body cathexis: body cathexis and the self. **Journal of Consulting Psychology**, v.17, p.343-47, 1953.
- SERGIO, M. Maurice Merleau-Ponty: o corpo e a fenomenologia: **Corpoconsciência**, n.3, p.35-55, 1999.
- SIMÕES, A.C. Retrogravuras [Diapositivos] Montagem de Antonio Carlos Simões. São Paulo, 1995.

- STRUNA, N.L. The recreational experiences of early american women. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.45-62.
- URBA, J.; SWEDLUND, J. The anthropometry of Barbie: unsettling ideals of the feminine body in popular culture. In: SCHIEBINGER, L., org. **Feminism & the body: Oxford readings in feminism**. Oxford, Oxford Press, 2000. p.397-428.
- VERON, E. Corps signifiant. In: VERDIGLIONE, A., org. **Sexualité et pouvoir**. Paris, Payot, 1976. p.179-95.
- VERTINSKY, P. Women, sport, and exercise in the 19th century. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.63-82.
- WELCH, P.; COSTA, M. A century of olimpic competition. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics, 1994, p.123-38.
- ZINN, M. **A comparison of body image and motor performance in normal children and children with gross motor dysfunction**. Michigan, 1985. 152p. Thesis (Master) - Department of Health and Physical Education, Michigan State University.

ANEXO I - Inventário “imagem corporal das atletas de handebol de alto nível” - primeira parte.

Prezada atleta;

A avaliação que você responderá faz parte de um projeto de pesquisa que procura dimensionar a imagem corporal das atletas de alto nível do handebol brasileiro, fator fundamental para os estudos e o desenvolvimento da psicologia do esporte na modalidade.

Você não precisa se identificar. Reflita nas questões e responda com tranquilidade, e com a máxima sinceridade. Os resultados da pesquisa serão usados para fins estritamente acadêmicos e científicos.

Sua contribuição é extremamente valiosa.
Muito obrigado.

Jorge Dorfman Knijnik
LAPSE - GEPPSE

1ª PARTE - Sobre você (assinale com um X)

1. **Idade** - _____

2. **Estado civil** - () solteira () casada () separada () viúva () outros

3. **Indique o grau de escolaridade mais elevado que completou:**

() não estudou () ensino fundamental () ensino
médio () superior () pós-graduação

ANEXO I - Inventário “imagem corporal das atletas de handebol de alto nível” - primeira parte. (cont.)

4. Há quanto tempo disputa handebol em competições federadas?

()meses () anos

5. Há quanto tempo compete pela atual equipe?

() meses () anos

6. Qual ou quais categorias em que você compete?

() juvenil () junior () adulta

7. Já disputou competições em que nível?(pode anotar mais de uma)

() municipal () regional () estadual () nacional

() sul - americano () panamericano () mundial

8. Já integrou selecionados nacionais?

() sim () não

9. Se a resposta à questão anterior for positiva, em qual ou quais categorias?

() cadete () juvenil () junior ()
principal

ANEXO II - Inventário “imagem corporal das atletas de handebol de alto nível” - segunda parte.

Gostaríamos agora de lhe colocar algumas questões referentes a sua opinião sobre o seu corpo e a sua imagem corporal. Leia atentamente as instruções para preencher esta avaliação:

A) Foram lhe entregues um pacote com 65 afirmações numeradas uma a uma; você recebeu também quatro folhas de resposta, sendo que duas são **brancas** e duas têm a **cor rosa**;

B) Leia as frases atentamente, e as classifique da seguinte forma:

1. coloque a sua esquerda aquelas que **menos tem relação com você**;
2. ao centro, coloque aquelas que são “mais ou menos”
3. a sua direita, faça uma pilha com as afirmações que **mais se parecem** com você.

C) As frases estão numeradas de 01 a 65. Você deverá dar **notas** para cada frase, assinalando com um “X” na coluna da nota correspondente àquela frase na folha de respostas. As frases que **menos tem relação** com você terão notas na direção do número 01 da folha de respostas (esquerda); as frases que **mais se parecem com você**, na direção do número 09 da folha de respostas (direita). Assim, se uma frase se parece com você, mas não totalmente, dê uma nota próxima à coluna 9, em alguma coluna próxima, de acordo com a sua opinião.

ATENÇÃO! Você usará as mesmas frases para fazer duas classificações;

- a) **EM PRIMEIRO LUGAR:** Nas FOLHAS **BRANCAS**, classifique as frases sob o seu ponto de vista, isto é , como você se vê **nesse exato momento da sua vida**. Este é conhecida como *auto - classificação*;
- b) **EM SEGUNDO LUGAR** - Nas FOLHAS **ROSAS**, classifique essas mesmas frases do ponto de vista de **como você gostaria de ser**. Esta é conhecida como *classificação ideal*.
- c) Utilize as FOLHAS **ROSAS** para *classificação ideal* apenas quando terminar a *autoclassificação* nas FOLHAS **BRANCAS**.

menos
parece

mais
parece

[illegible]

ANEXO IV - Frases relacionadas à 1ª dimensão (autoconceito) do inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível do Brasil.

1. GOSTO DE ME OLHAR NO ESPELHO
2. NÃO GOSTO DE GENTE GORDA
3. GOSTO DE SER MULHER.
4. PREOCUPO-ME COM A FORMA DAS MINHAS PERNAS
5. EU FICO MUITO CHATEADA QUANDO APARECEM ESPINHAS NO MEU ROSTO
6. NUNCA TIVE PROBLEMA COM A MINHA PELE.
7. TER UMA PELE SAUDÁVEL É IMPORTANTE PARA MIM
8. TENHO PENA DE UMA GAROTA COM PROBLEMAS DE PELE
9. ATIVIDADE FÍSICA É IMPORTANTE PARA MIM
10. MEUS OMBROS SÃO LARGOS
11. TENHO UMA BOA POSTURA
12. TENHO BOM PORTE
13. SOU MUSCULOSA
14. QUASE SEMPRE QUERO PARECER COM OUTRA PESSOA
15. GOSTARIA DE FAZER ALGO EM RELAÇÃO AO MEU PESO
16. TENHO PÉS GRANDES
17. TENHO DIFICULDADES EM CONTROLAR O PESO
18. PENSO MUITO NA MINHA APARÊNCIA FÍSICA
19. ESTOU ABAIXO DO PESO
20. TENHO DENTES BONITOS
21. TENHO BRAÇOS FINOS
22. GERALMENTE ESTOU ACIMA DO PESO QUE IMAGINO TER
23. MEU CABELO SEMPRE FOI UM PROBLEMA PARA MIM
24. MINHAS MÃOS SÃO FORTES
25. TENHO TORNOZELOS GROSSOS
26. TENHO OLHOS EXPRESSIVOS

ANEXO IV - Frases relacionadas à 1ª dimensão (autoconceito) do inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível do Brasil. (cont.)

27. MEU SORRISO É CALOROSO E AMIGÁVEL
28. PREOCUPO - ME COM O MEU PESO
29. MINHAS MEDIDAS SÃO BEM PROPORCIONAIS
30. RARAMENTE PENSO SOBRE O MEU CORPO
31. SINTO - ME GORDA
32. SOU MUITO ALTA
33. TENHO COXAS GROSSAS
34. TENHO PERNAS FINAS
35. MEU TAMANHO FAZ COM QUE EU SOBRESSAIA NA MULTIDÃO
36. TENHO QUADRIS LARGOS
37. GOSTO DE APRENDER SOBRE O MEU CORPO
38. ESTOU SATISFEITA COM A MINHA APARÊNCIA
39. TENHO MÚSCULOS PEQUENOS
40. TENHO OSSOS GRANDES

ANEXO V - Frases relacionadas à 2ª dimensão (self-público) do inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível do Brasil.

1. GOSTO QUE TIREM FOTOGRAFIAS DE MIM
2. SINTO-ME DESCONFORTÁVEL QUANDO SOU O CENTRO DAS ATENÇÕES
3. É IMPORTANTE PARA EU SABER QUE SOU FISICAMENTE ATRAENTE
4. AS PESSOAS REPARAM MUITO EM MIM QUANDO ENTRO NUMA SALA
5. FREQUENTEMENTE PERCEBO AS PESSOAS OLHANDO PARA MIM
6. PREOCUPO-ME COM A OPINIÃO DOS OUTROS SOBRE A MINHA APARÊNCIA
7. PAREÇO UMA PESSOA NORMAL
8. COMENTÁRIOS DE GRUPOS SOBRE A MINHA APARÊNCIA EM GERAL ME INCOMODAM
9. EU MUITAS VEZES PENSO COMO ESTOU PARECENDO PARA OS OUTROS
10. REALMENTE NÃO ME IMPORTO COM A MINHA APARÊNCIA
11. GOSTO DE FALAR SOBRE A MINHA APARÊNCIA

ANEXO VI - Frases relacionadas à 3ª dimensão (self estético) do inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível do Brasil.

1. SAPATOS DE SALTO ALTO DEIXAM AS MINHAS PERNAS MAIS BONITAS
2. NORMALMENTE USO SAPATOS SEM SALTO
3. SOU PREOCUPADA COM O COMPRIMENTO DAS MINHAS SAIAS E VESTIDOS
4. ESTAR BEM VESTIDA É IMPORTANTE PARA MIM
5. POSSO MOSTRAR-ME SOFISTICADA QUANDO EU QUERO
6. SINTO-ME BEM COM AS ROUPAS QUE USO
7. GOSTARIA DE PODER USAR O TIPO DE ROUPAS QUE OUTRAS GAROTAS USAM
8. GOSTO DE USAR ROUPAS JUSTAS
9. GOSTO DE ME VESTIR BEM PORQUE ISSO ME FAZ SENTIR MUITO BEM
10. PASSO BASTANTE TEMPO ME ARRUMANDO, ME VESTINDO E ME PENTEANDO
11. COSTUMO VESTIR CAMISETAS JUSTAS
12. FICO BEM DE SHORTS
13. FICO BEM DE MAIÔ
14. GOSTO DE COLOCAR ROUPAS CHIQUES PARA SAIR À NOITE